37/05
MAIO 1984

A LIANONA



Maio de 1984 PBMA0449PO **Volume 37 • Número 5**

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

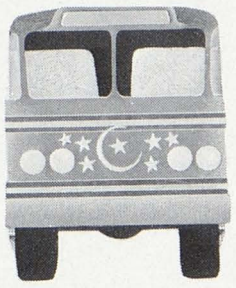
Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

Executivo do International Magazine:
M. Russell Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.







A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

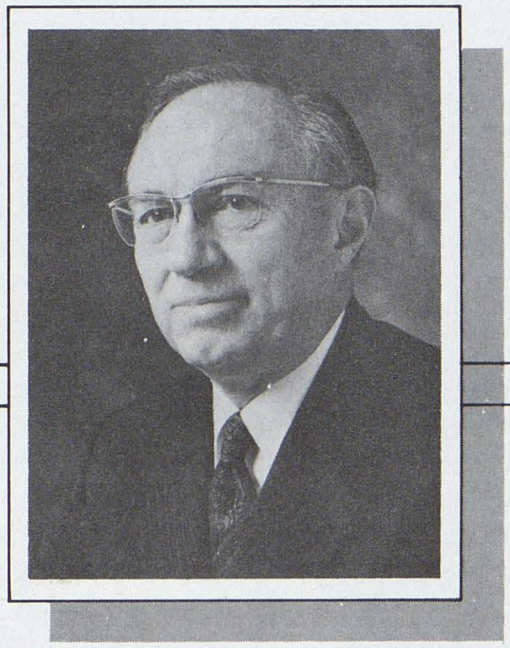
Mensagem da Primeira Presidência: Hoje ao Profeta Rendamos Louvores, *Presidente Gordon B. Hinckley* 1
Diário Mórmon: Para Cindy, *Cynthia B. Stevens* 10
Uma Bênção do Sacerdócio, *Eleanor Barton Yates* 11
Um Livro que Você Pode Respeitar, *John W. Welch* 13
As Muitas Vozes, *Robert F. Bohn* 21
Por que, Como e Como Não Delegar: Algumas Sugestões para o Lar e a Igreja, *Willian G. Dyer* 24
Perguntas e Respostas, *A. Carlfred Broderick* 29
O Presente de Mateus, *Denise Walsh Norton* 31
No Ônibus Errado, *Élder Sterling W. Sill* 32
Quatro Versões Peruanas da Lenda do Deus Branco, *Kirk Magleby* 36

SEÇÃO INFANTIL:

A Ovelha de Nita, *Elizabeth Fritz* 1
Thomas Kane: Amigo dos Pioneiros, *Susan Arrington Madsen* ... 4
Tempo de Compartilhar: (Batismo) Um Dia e Uma Promessa para se Lembrar, *Pat Graham* 6
Bricandeira da Canoa e Combinando as Listras, *Roberta L. Fairall* 7
Juanito da Espanha, *June Anne Olsen* 8

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

"Hoje ao Profeta Rendamos Louvores"



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro
na Primeira Presidência

Há muitos anos, quando tinha doze anos, fui ordenado diácono. Meu pai, que era o presidente de nossa estaca, levou-me para minha primeira reunião do sacerdócio. Naquela época estas reuniões eram realizadas numa noite da semana. Recordo-me de que nos dirigimos à capela da Ala 10, na Cidade do Lago Salgado, em Utah. Meu pai encaminhou-se para o púlpito, e eu me sentei na última fila, sentindo-me só e pouco à vontade naquele salão repleto de homens especiais que haviam sido ordenados ao sacerdócio de Deus. A reunião teve início, o primeiro hino foi anunciado, e como era de costume, todos nós nos levantamos para cantar. Havia aproximadamente quatrocentas pessoas.

GN
BOOK AREA
M205.5
L694R
V.37
1984

Juntos, estes homens elevaram as vozes, algumas com sotaques de países europeus de onde tinham vindo como conversos, todos cantando estas palavras com um grande espírito de convicção e testemunho:

''Hoje ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz!''
(Hinos, n.º 108)

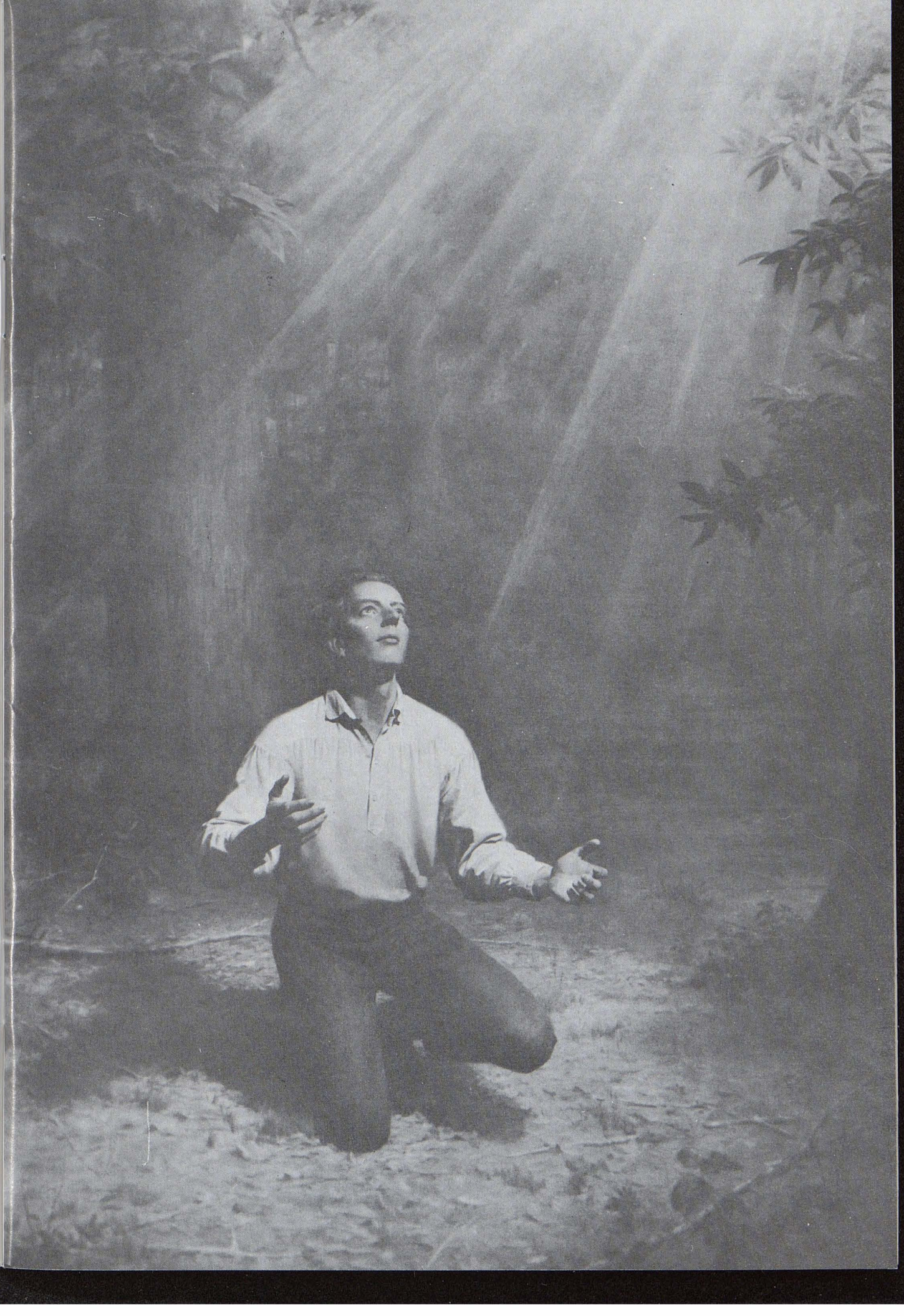
Cantavam a respeito do Profeta Joseph Smith e, enquanto cantavam, meu coração encheu-se de amor e crença no poderoso Profeta desta dispensação. Em minha infância, ensinaram-me bastante sobre o Profeta Joseph Smith, tanto nas reuniões e aulas de nossa ala como em nosso lar; mas, minha experiência naquela reunião do sacerdócio da estaca foi algo diferente. Sabia então, pelo poder do Espírito Santo, que Joseph Smith foi realmente um profeta de Deus.

É verdade que durante os anos seguintes houve épocas em que aquele testemunho vacilou um pouco, especialmente nos anos que antecederam minha formatura na faculdade. Entretanto, aquela convicção nunca me abandonou totalmente; e se fortaleceu através dos anos, em parte devido aos desafios daqueles dias que me compeliram a ler e estudar, certificando-me por mim mesmo. Penso que muitos de vocês passaram por experiências semelhantes. Certa vez o Presidente Harold B. Lee disse que nosso testemunho precisa ser renovado a cada dia. De acordo com este princípio, gostaria de fortalecer nosso testemunho da grande obra que Deus permitiu acontecer nestes últimos dias.

Algum tempo atrás, recebi uma carta de um evangelista que atacava implacavelmente o Profeta Joseph Smith, chamando-o de vil impostor, embusteiro, tapeador e enganador. Declarava também estar empreendendo uma campanha para difundir seus pontos de vista. Não sei o resultado do trabalho do evangelista. Não deve ter sido significativo. Esta espécie de esforço pode derrubar alguns fracos, porém somente fortalece os fortes. E muito depois de este homem e outros de sua espécie terem silenciado, o nome de Joseph Smith continuará a ser honrado e amado por um número cada vez maior de santos dos últimos dias, em um número cada vez mais crescente de nações.

Lembro-me de estar em Nauvoo, Illinois, a cidade de Joseph, com dois irmãos do Quorum dos Setenta e doze presidentes de missão e suas esposas, para um seminário de presidentes de missão. Um toque de outono pairava no ar: as folhas douradas, um pouco de névoa, as noites frias e os dias quentes. A época de férias terminara, e a cidade estava bela e tranqüila. Realizamos nossa primeira reunião no restaurado Hall dos Setenta, onde nos idos de 1840 os homens se preparavam através do estudo e ensino mútuo da doutrina do reino, para sair e declarar a mensagem do evangelho ao mundo. A obra realizada naquele local foi precursora dos Centros de Treinamento Missionário da Igreja. Ao nos reunirmos ali e em outras casas e salões de Nauvoo, sentíamos na mente e no coração como se as importantes personalidades do passado estivessem conosco: Joseph e Hyrum, Brigham Young, Heber C. Kimball, John Taylor, Wilford Woodruff, os irmãos Orson e Parley P. Pratt e muitos outros.

Aquela era realmente a cidade de Joseph. Foi ele o profeta que a planejou, e seus seguidores a construíram. Tornou-se a maior e mais imponente cidade do estado de Illinois. Com suas sólidas casas



de tijolos; com salões para adoração, instrução e divertimento; e com o grandioso templo erigido no topo do aclive do rio, esta comunidade do Mississipi foi estabelecida como se seus fundadores fossem ficar ali por mais de um século.

Lá, antes daquele trágico dia em Carthage, o Profeta estava no auge de sua carreira mortal. Em pé, no mesmo lugar onde um dia ele ficou, e fitando demoradamente a cidade, pensei nos acontecimentos que o trouxeram até ali, revendo na mente sua herança. Meditei em seus antepassados que gerações atrás deixaram as Ilhas Britânicas e vieram para Boston; em sua vida no Novo Mundo, através de cinco gerações do lado paterno e quatro do lado materno; em seus esforços por desbravar as terras de Massachusetts, New Hampshire e Vermont para construir casas e fazendas; em seu brilhante desempenho na Guerra da Independência; nas adversidades e insucessos experimentados ao tentarem ganhar a vida extraindo granito dos montes entre os quais viviam. Pensei no garotinho nascido em Sharon, Vermont, em dezembro de 1805, que recebeu o nome de seu pai. Refleti naquele terrível período de doença quando a febre tifóide afligiu a família e a osteomielite (doença dos ossos) tomou conta da perna de Joseph, causando-lhe muita dor e debilidade. Isto ocorreu enquanto a família vivia em Lebanon, New Hampshire; e como é interessante notar que a alguns quilômetros, na faculdade de Hanover, o Dr. Nathan Smith desenvolvera um método através do qual aquela perna infectada poderia ser salva.

Todavia, a cura não se realizaria sem um terrível sofrimento. De fato, é difícil conceber hoje como o menino suportou tamanha dor, quando o pai o segurava nos braços e a mãe caminhava e orava entre as árvores da fazenda, fugindo dos gritos do filho, enquanto o cirurgião fazia a longa incisão e retirava as porções do osso infetado, sem o benefício de qualquer tipo de anestesia. Talvez, a lembrança daquele intenso sofrimento tenha ajudado Joseph Smith a preparar-se para o banho de piche quente e as penas que lhe jogaram por cima em Kirtland, para a cadeia imunda em Liberty e os tiros do populacho em Carthage.

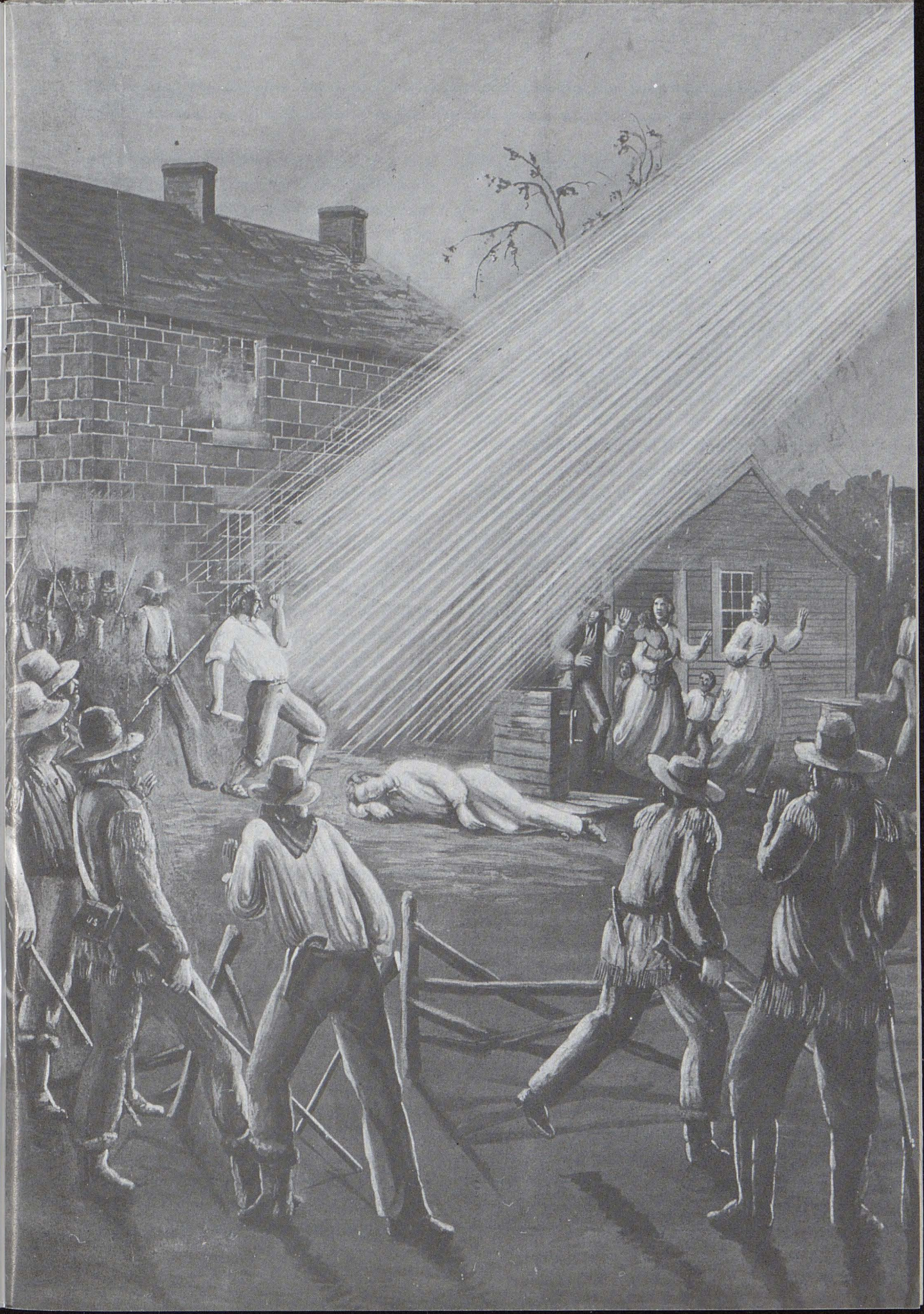
Ao meditar sobre a vida de Joseph Smith, refleti nas forças que fizeram com que sua família, estabelecida na Nova Inglaterra havia várias gerações, se mudasse para o oeste de Nova Iorque, para onde tinham que vir a fim de que os propósitos preordenados de Deus pudessem ser cumpridos. Pensei na perda da fazenda da família, nas colheitas escassas daquele solo fraco, no frio intenso de 1816, quando uma geada destruidora lhes impôs a decisão de procurar outro lugar para viver; depois na mudança para Palmyra, Nova Iorque, na compra de uma fazenda em Manchester, Nova Iorque, e nos pregadores que incitavam as pessoas e tanto confundiram um garoto, que ele decidiu recorrer a Deus para obter sabedoria.

Este foi o verdadeiro começo de tudo, aquele dia primaveril de 1820, quando ele se ajoelhou entre as árvores, orou, e recebeu uma gloriosa visão na qual falou com Deus, o Pai Eterno e seu Filho, o Senhor Jesus Cristo ressurreto. Vieram os anos de instrução, sendo o instrutor um anjo de Deus que em numerosas ocasiões ensinou, repreendeu, advertiu e confortou aquele garoto até ele tornar-se um rapaz.

E assim, enquanto estava em Nauvoo, refleti na preparação para a condição de profeta; refleti neste surpreendente Joseph Smith. Não posso esperar que seus caluniadores saibam de seu



Pintura de C. C. A. Christensen



Pintura de C. C. A. Christensen

chamado profético pelo poder do Espírito Santo, mas posso formular-lhes algumas perguntas para que pensem antes de repudiarem Joseph Smith. Formularei apenas três das muitas que poderiam ser feitas: Primeira, "O que você faz com o Livro de Mórmon"? Segunda, "Como você explica este poder de influenciar homens inteligentes a segui-lo, mesmo até a morte?" E terceira, "Como você explica o cumprimento de suas profecias?"

Tomo em minha mão o Livro de Mórmon. Leio suas palavras. Li a explicação de Joseph Smith sobre como ele surgiu. Para o descrente é uma história difícil de aceitar, e os críticos durante gerações têm gasto a vida, escrevendo livros com a intenção de contestar aquela história e propor outras explicações diferentes das externadas por Joseph Smith, o Profeta. Todavia para as pessoas de mente aberta, estas críticas apenas as levaram a pesquisar mais; e quanto mais pesquisaram, maior ia-se tornando a evidência da veracidade da história de Joseph Smith. Ainda assim, como tem sido demonstrado há cento e cinqüenta anos, a veracidade de O Livro de Mórmon não será determinada pela análise literária ou pela pesquisa científica, embora estas continuem a ser evidentes. A verdade sobre as origens de O Livro de Mórmon será determinada hoje e amanhã, tanto quanto no passado, pela leitura do livro com espírito de reverência, respeito e oração.

Algum tempo atrás, recebi a carta de um pai que, em resposta a um desafio lançado por mim em uma conferência geral, começou a ler a primeira edição de O Livro de Mórmon com a família. Esta edição tocou profundamente muitos homens capazes que a leram logo após sua publicação. Elogiei-o, mas apressei-me em explicar que ninguém precisa procurar a primeira edição a fim de obter o espírito deste notável livro. Cada um dos mais de um milhão de exemplares que serão impressos este ano, contém aquele mesmo espírito, inclui a mesma promessa maravilhosa, e concederá o mesmo testemunho referente à veracidade do livro.

O Livro de Mórmon está aqui para ser lido com espírito de oração e averiguação sincera. Todo o trabalho dos críticos durante os cento e cinqüenta e três anos da existência do livro carece de credibilidade e foi sem efeito para os que o leram com espírito de oração e receberam pelo poder do Espírito Santo um testemunho de sua veracidade. Se não houvesse outra evidência da missão divina de Joseph Smith, o Livro de Mórmon permaneceria como uma testemunha incontestável daquele fato. Pensar que alguém que não fosse uma pessoa inspirada pudesse trazer à luz um livro que provocasse tão profundo efeito para o bem em tantas outras pessoas, é o mesmo que imaginar o impossível. A evidência da veracidade de O Livro de Mórmon é encontrada na vida de milhões de pessoas vivas e mortas, que o leram, oraram a respeito, e receberam um testemunho de sua verdade.

Minha segunda pergunta — como você explicaria o poder que Joseph Smith tinha de influenciar homens e mulheres a segui-lo,mesmo até a morte? — é igualmente difícil de rejeitar. Qualquer um que tenha dúvidas sobre o poder de liderança de Joseph Smith precisa apenas observar os homens que foram atraídos por tal poder. Eles não vinham em busca de riqueza. Não buscavam poder político. Não eram atraídos por sonhos de conquista militar. Joseph Smith não lhes oferecia nada disso; interessava-lhe apenas a salvação através da fé no Senhor Jesus Cristo. Incluía perseguição

com sofrimento e prejuízos, longas e solitárias missões, separação da família e amigos, e em muitos casos a própria morte.

Tomemos como exemplo, Orson Hyde. O Irmão Hyde era balconista no povoado de Kirtland quando conheceu Joseph Smith, o jovem Profeta. Foi para este desconhecido e pouco promissor vendedor de botões, linhas e tecidos que Joseph, falando em nome do Senhor, disse que ele, Orson Hyde, foi ordenado "para proclamar o evangelho eterno pelo Espírito do Deus vivo, de povo em povo, e de terra em terra, nas congregações dos iníquos, nas suas sinagogas, arrazoando com eles e expondo-lhes todas as escrituras." (D&C 68:1)

Este jovem, este balconista de um armazém de povoado, sob a inspiração daquele chamado profético, andou a pé 3.200 quilômetros por Rhode Island, Massachusetts, Maine e Nova Iorque, "arrazoando e expondo as escrituras" a todos que encontrava.

Recordo-me de visitar o lar de Orson Hyde em Nauvoo, o confortável lar que ele deixou para viajar para a Inglaterra e Alemanha e para visitar Constantinopla (hoje Istambul) na Turquia, o Cairo e Alexandria no Egito, rumo a Jerusalém onde, em 24 de outubro de 1841, no Monte das Oliveiras, ele dedicou pelo poder do santo sacerdócio, a terra da Palestina para o regresso dos judeus. Isto aconteceu vinte e cinco anos antes de Theodor Herzl (1860-1904), fundador do movimento sionista, tomar a seu cargo a tarefa de reunir os judeus em sua terra natal.

Tomemos Willard Richards, como outro exemplo. Era um homem culto e achava-se entre o pequeno grupo de homens que acompanharam Joseph e Hyrum Smith, quando estes se entregaram ao governador de Illinois, sendo colocados na Cadeia de Carthage. Na tarde de 27 de junho de 1844, a maior parte do grupo foi incumbida de resolver certos assuntos de negócios, permanecendo somente John Taylor e Willard Richards com o Profeta e seu irmão Hyrum. Nessa tarde, após o jantar, o carcereiro, sabendo que o populacho estava do lado de fora, sugeriu que eles se dirigissem para a cela da prisão, pois estariam mais seguros. Virando-se para Willard Richards, Joseph perguntou: "Se entrarmos na cela, você virá conosco?" O Élder Richards respondeu:

"Irmão Joseph, você não me pediu que atravessasse o rio com você. Não me pediu que viesse a Carthage. Não me pediu que viesse para a prisão em sua companhia. E acha que eu o abandonaria agora? Pois vou-lhe contar o que farei; se você for condenado à forca por 'traição', serei enforcado em seu lugar, e você ficará livre." (B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church,* 2:238)

Homens capazes e inteligentes não demonstram esta espécie de amor por um impostor. Esta espécie de amor vem de Deus e do reconhecimento da integridade dos homens. É uma expressão do espírito e reflete o exemplo do Salvador, que deu a vida por toda a humanidade e declarou: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 15:13)

Houve muitos outros: os Young, os Kimball, os Taylor, os Snow, os Pratt e muitos mais, que quando encontraram Joseph Smith pela primeira vez eram pessoas comuns e despretensiosas, mas que sob o poder das verdades e do sacerdócio que Joseph Smith restaurou, se tornaram gigantes em realizações através do serviço aos outros.

E por fim, o que dizer das profecias de Joseph Smith? Foram muitas e foram

Joseph profetizou que os santos continuariam a sofrer muita aflição e seriam impelidos para as Montanhas Rochosas.



cumpridas. Entre as mais notáveis estava a da Guerra Civil Americana, proferida no dia de Natal de 1832. Havia muitos homens e mulheres nobres que deploravam a instituição da escravatura, comum naquela época nos estados do sul dos Estados Unidos, e falava-se muito a respeito da abolição da mesma. Mas, quem a não ser um profeta de Deus ousaria dizer, trinta e nove anos antes de acontecer, que "guerras se esparramarão sobre todas as nações", começando "pela rebelião de Carolina do Sul" e que "os Estados do Sul se dividirão contra os Estados do Norte"? (D&C 87:1--3) Esta extraordinária profecia cumpriu-se com o incêndio no Fort Sumpter em Charleston Harbor, Carolina do Sul, em 1861. Como Joseph Smith poderia prever com tamanha precisão um acontecimento que ocorreria trinta e nove anos depois? Somente através do espírito de profecia que ele possuía.

Ou, considere a igualmente notável profecia acerca do êxodo dos santos para os vales montanhosos do Grande Lago Salgado. Nessa época os santos estavam vivendo em Nauvoo e sua comunidade irmã no outro lado do Mississipi, desfrutando de uma prosperidade que nunca tinham conhecido anteriormente. Estavam construindo um templo e outros edifícios importantes. Seus novos lares eram de tijolos, construídos para durar. E, apesar disso, num dia de agosto de 1842, quando viajava por Montrose, Joseph profetizou que os santos continuariam a sofrer muita aflição e seriam impelidos para as Montanhas Rochosas. Muitos apostatariam, outros seriam executados

pelos perseguidores ou perderiam a vida devido às intempéries ou doenças, e (falando aos presentes) "alguns de vocês viverão para ir e auxiliar na fundação de povoados e construção de cidades, presenciando os santos tornarem-se um povo poderoso no centro das Montanhas Rochosas." (History of the Church 5:85)

Encarada no contexto do tempo e circunstâncias, esta declaração é simplesmente notável. Somente um homem falando com um conhecimento acima do seu próprio poderia ter proferido palavras que seriam tão literalmente cumpridas.

E com referência a esta profecia, que tão magnificamente previu o destino jubiloso desta igreja?

"Nossos missionários estão partindo para diferentes nações... foi estabelecido o Padrão da Verdade; não haverá mão iníqua que possa impedir o prosseguimento da obra; as perseguições podem tornar-se violentas, os populachos se unir, os exércitos se juntar, a calúnia difamar, mas a verdade de Deus irá avante corajosa, independente e nobre, até que tenha penetrado em cada continente, visitado cada clima, varrido cada país e soado em cado ouvido, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos e o Grande Jeová diga que o trabalho está realizado." (*History of the Church,* 4:540.)

Grande foi a visão do Profeta Joseph Smith. Abrangeu todas as pessoas da humanidade, onde quer que elas vivam, e todas as gerações que viveram na terra e já morreram. Como pode alguém, no passado ou no presente, falar contra o Profeta Joseph Smith a não ser por ignorância? Tal pessoa não leu e ponderou suas palavras, não refletiu nem orou sobre ele. Como alguém que fez estas coisas, acrescento minhas próprias palavras de testemunho que ele foi e é



um profeta de Deus, levantado como um instrumento nas mãos do Todo-Poderoso para anunciar uma nova e última dispensação do evangelho. Poderíamos dizer sobre o Profeta Joseph Smith:

"Quando um homem dá a vida em prol da causa que advoga, ele atinge o mais alto indício de honestidade e sinceridade que sua própria e qualquer outra geração futura pode exigir. Quando ele morre pelo testemunho que possui, todas as línguas malignas devem ficar silentes e todas as vozes devem calar-se reverentes ante um sacrifício tão completo." (Ezra Dalby, manuscrito, 12 de dezembro de 1926.)

É muito apropriado que cantemos hoje em homenagem a Joseph Smith, o grande servo de nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo nestes últimos dias:

É grande a glória do seu nome eterno,
Todas as chaves do reino terá,
E na mansão celestial, para sempre,
Entre profetas nomeado será!
(*Hinos*, n.º 108) ★

"Para Cindy"

Cynthia Brown Stevens

Tinha vinte anos de idade e estava a 4.800 quilômetros de casa, freqüentando a universidade, quando minha mãe morreu inesperadamente. Não a via fazia dois anos, e isto contribuiu para que o choque fosse maior face a sua morte repentina.

Dois meses depois, os missionários bateram à minha porta. Durante as palestras, surpreendi-me ao tomar conhecimento de que muitas das crenças pessoais de minha mãe eram as mesmas da igreja; crenças que ela havia defendido firmemente apesar da desaprovação da igreja na qual fui criada. Prontamente aceitei os ensinamentos do evangelho e fui batizada depois de três semanas.

Para mim, o batismo era uma experiência mesclada de felicidade e angústia. Por um lado sentia uma felicidade que nunca conhecera antes, mas debatia-me interiormente com a mágoa e o desapontamento, pois mamãe estivera tão perto da verdade e eu não tive a oportunidade de compartilhá-la com ela por um lapso de apenas dois curtos meses. Apesar de tudo que eu sabia agora sobre a vida eterna, não conseguia encontrar paz interior. Desabafei meus sentimentos em oração, desculpando-me por minha fraqueza em não aceitar a morte de mamãe.

Então, certa noite, tive um lindo sonho. Mamãe entrou no quarto e sentou-se na beira de minha cama. Estava vestida de branco, e parecia ainda mais jovem do que da última vez que a vi, pois nenhuma linha de preocupação ou tristeza vincava-lhe a fronte. Ela sorria e estava radiante. Quando acordei, podia apenas lembrar-me de que no sonho ela conversara comigo durante algum tempo, confortando e tranqüilizando-me de que tudo estava bem.

Na semana seguinte recebi uma caixa pelo correio. Estava entre os pertences guardados de mamãe e rotulado com sua própria caligrafia: "Para Cindy." Fiquei estupefada ao examinar o conteúdo da caixa. Havia retratos de família, alguns deles de meus avós que morreram antes que eu nascesse. Havia alguns de meus papéis escolares, fotos de infância, minha primeira carta ao Papai Noel. Encontrei um pequeno diário branco de mamãe, cartas pessoais e um enorme gráfico de papel amarelado e rasgado, com várias gerações da genealogia familiar cuidadosamente escrito por mamãe e iniciado pela mãe dela muitos anos antes.

Meus olhos encheram-se de lágrimas, e por algum tempo que pareceu uma eternidade, repousei a cabeça naquela velha caixa e chorei. Meus soluços pareciam lavar as dúvidas e tristezas, e a paz que eu havia procurado tomou conta do meu ser.

Com aquela paz veio uma súbita compreensão: não era coincidência que as crenças de mamãe se assemelhassem aos ensinamentos da Igreja ou que ela tivesse coletado e preservado a caixa com os pertences da família. A vida e os ensinamentos de mamãe prepararam-me para receber a plenitude do evangelho; sua fé e inspiração guiaram-na na preparação do caminho para que eu compilasse uma história familiar e realizasse a obra genealógica e do templo que uniria nossa família para sempre. Não foi preciso que eu fosse uma missionária para mamãe; ela foi uma missionária para mim! ★

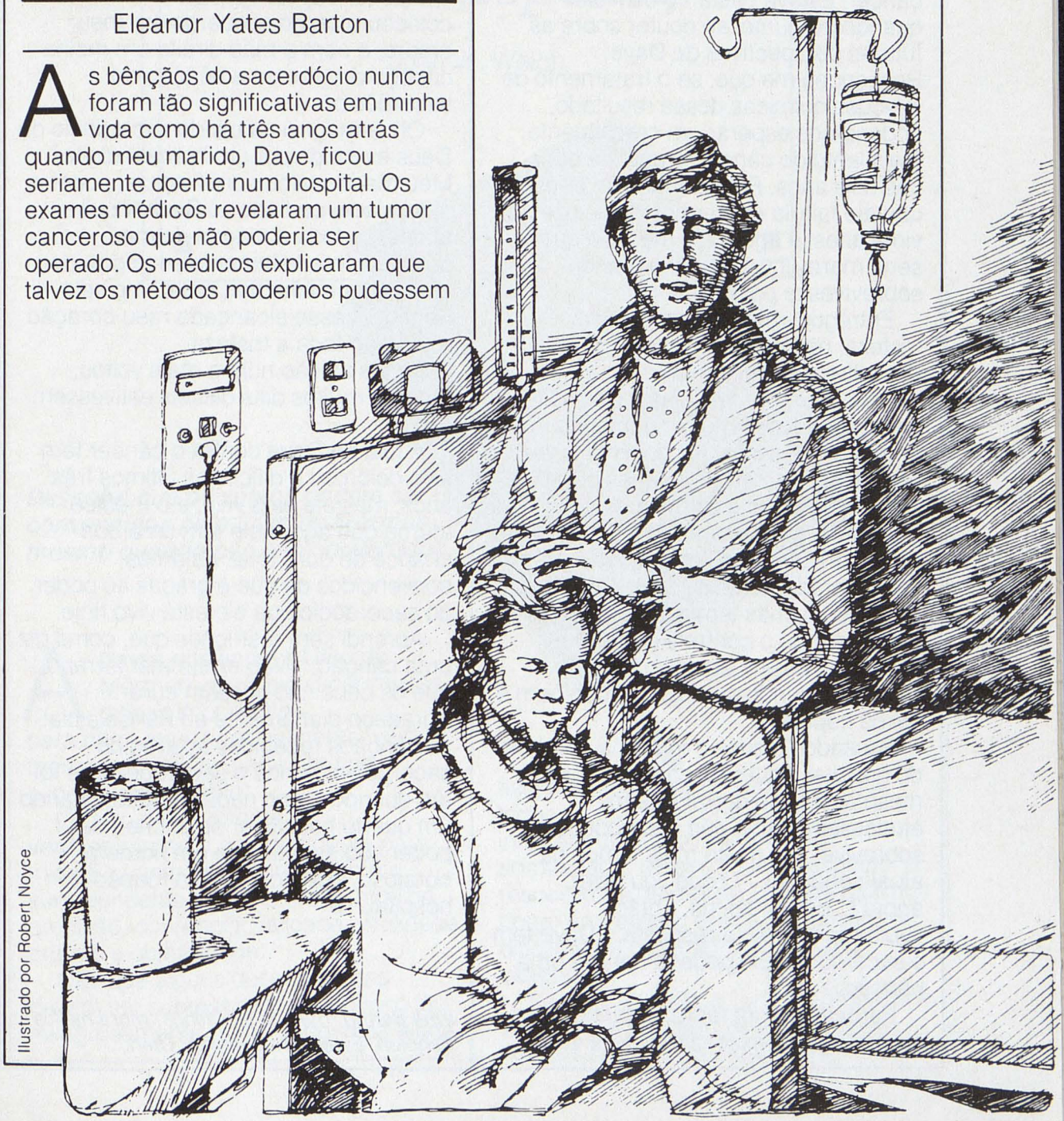
Irmã Stevens, mãe de três filhos, mora na Ala 3 de Sunset, Estaca Sunset Utah.

Uma Bênção do Sacerdócio

Eleanor Yates Barton

As bênçãos do sacerdócio nunca foram tão significativas em minha vida como há três anos atrás quando meu marido, Dave, ficou seriamente doente num hospital. Os exames médicos revelaram um tumor canceroso que não poderia ser operado. Os médicos explicaram que talvez os métodos modernos pudessem prolongar sua vida por muitos anos; algumas pessoas estavam até ficando totalmente curadas de câncer. Por isso estávamos cheios de esperança, confiantes de que Dave fosse um dos felizardos.

Ele estava-se recuperando bem quando começou a sentir fortes dores no peito. Havia contraído pneumonia e tinha coágulos de sangue nos pulmões.



Ilustrado por Robert Noyce

Durante as três semanas seguintes nossa preocupação com o câncer tornou-se secundária, enquanto os médicos se empenhavam em salvar seus pulmões e sua vida. Submeteu-se finalmente a uma cirurgia no peito e mais uma vez iniciou-se a recuperação.

Suspiramos aliviados. Para mim, um problema de cada vez era o bastante. Agora podíamos pensar novamente no câncer. Estava bastante otimista quando perguntei ao doutor sobre as futuras perspectivas de Dave. Respondeu-me que, se o tratamento de injeções químicas desse resultado, poderíamos esperar um crescimento mais lento do câncer, o que lhe daria uns dois anos. Fiquei chocada. Pensei que ele falaria em termos de quinze ou vinte anos; e agora ele me dizia que seria maravilhoso se meu marido sobrevivesse por dois anos.

Entreguei-me a uma profunda tristeza; não poderia ter sido pior se Dave tivesse realmente morrido.Durante três dias e três noites pensei que fosse morrer, tamanha era a angústia que sentia. No domingo assisti à reunião sacramental, e várias pessoas, inclusive o bispo e os mestres familiares, perguntaram o que poderiam fazer para ajudar. Eu necessitava desesperadamente de uma bênção do sacerdócio, mas temia que, se falasse, perderia todo o controle de minhas emoções. Assim, aquiesci com a cabeça, dizendo que estava tudo bem e saí da capela.

Passados alguns minutos, a caminho do hospital, fiquei zangada comigo mesma por não deixar que me ajudassem. Sabia que não poderia sobreviver por muito mais tempo na atual condição. "O que vou fazer agora?" perguntei-me. Então, subitamente veio a resposta: "Dave tem o sacerdócio. Ele poderia dar-me uma bênção."

Parecia-me um tanto estranho que ele me abençoasse; afinal, fora ele quem recebera uma bênção atrás da outra em seus esforços para salvar a própria vida. Seria o mesmo que pedir ao "doente" que abençoasse o "são". Mas, eu não tinha outra alternativa.

Jamais me esquecerei da aparência de meu marido, em pé, em minha frente enquanto eu me sentava em sua cama. Vestindo um roupão do hospital, magro e pálido, sentindo dores, e tão fraco que mal podia ficar em pé, ele finalmente colocou o braço esquerdo em meu ombro, e com a mão direita em minha cabeça deu-me uma bênção do sacerdócio.

Oh, a magnificência do sacerdócio de Deus exercido por um homem digno! Meu marido falou com firmeza, poder e autoridade, pedindo ao Senhor que afastasse toda a mágoa do meu coração. Imediatamente senti grande alívio para minha dor; era como se o Senhor tivesse alcançado meu coração e retirado toda a tristeza.

Minha aflição nunca mais voltou, embora muitos dias difíceis estivessem por vir.

A luta de Dave contra o câncer tem sido dolorosa e difícil nos últimos três anos, mas ele está vivo, e o médico afirma que agora ele tem uma boa chance de cura total. Estamos convencidos de que é graças ao poder do sacerdócio que ele está vivo hoje.

Aprendi sem restrições que, como diz uma canção, "Não existe mal terreno que os céus não possam curar." Agradeço diariamente ao Pai Celestial as bênçãos recebidas através do sacerdócio; nunca o sacerdócio me foi tão querido como naquela noite, quando um quarto hospitalar se encheu de poder sob as mãos de um homem corajoso, vestido com um roupão de hospital. ★

Irmã Barton, mãe de seis filhos, mora na Ala Bennion, Estaca de Bennion, Utah.

Um Livro Que Você Pode Respeitar

John W. Welch



Descobri que os sábios podem ser convencidos pelo Livro de Mórmon, mesmo quando não são convertidos.

Através dos anos, o Livro de Mórmon veio a significar muitas coisas importantes para mim, mas, principalmente, veio a merecer de minha parte um tipo especial de respeito.

O Livro de Mórmon é verdadeiramente surpreendente para mim. E quanto mais aprendo, mais surpreendente se torna em termos de precisão, coerência, validade, vitalidade, critério e objetividade.

Não que alguns desses fatores devam ser *supreendentes* num livro tão milagrosamente preservado, mas ainda assim é *espantoso* no sentido de que todas as grandes obras literárias inspiram um senso incomum de admiração e respeito. Neste aspecto, o respeito que devoto ao Livro de Mórmon como um registro preciso e valioso dificilmente pode ser considerado exagerado.

Sempre apreciei o Livro de Mórmon e sempre lhe dei valor. Mas, só depois

Quiasma encontrado em Mosiah 5:10-12:

A E acontecerá que aquele que não tomar para si o *nome de Cristo*

B deverá ser *chamado* por outro nome;

C portanto, esse se encontrará à *mão esquerda* de Deus.

D E quisera que também *lembrásseis* que este é o nome...

E que nunca seria *apagado*

F a menos que o fosse pela *trangressão*...

F portanto, tomai cuidado para não *transgredir*,

E a fim de que o nome não se *apague* de vossos corações...

D Eu quisera que vos *lembrásseis* do nome...

C para não serdes encontrados *a mão esquerda* de Deus

B mas para que pudésseis ouvir e conhecer a voz pela qual sereis *chamados*

A e também o *nome* pelo qual ele vos chamará.

que comecei a vê-lo como uma testemunha de si próprio para os sábios, é que comecei a perceber o alto grau de respeito que o livro realmente requer. Pode-se dizer, sem hesitação, que o Livro de Mórmon é intelectualmente admirado. Contém mais do que é preciso para torná-lo um dos maiores livros de todos os tempos, sejam quais forem os critérios a ele aplicados. Confirmando essa respeitabilidade há uma coleção variada de materiais antigos, inclusive grande quantidade de antigos escritos religiosos surgidos nas últimas décadas, que modificam radicalmente certas opiniões rígidas, defendidas por entendidos com respeito à literatura sacra.

Apresentar esse material junto com o Livro de Mórmon para as pessoas muito instruídas tem seus próprios problemas especiais: poucas irão deixar-se converter pelo poder do Espírito Santo. Entretanto, é significativo notar-se que muitas destas pessoas, embora não *convertidas*, encontram-se *convencidas* pelo Livro de Mórmon. E, embora o testemunho certamente não seja produto de teorias acadêmicas ou conclusões escolásticas, existem mentes para as quais uma convicção intelectual pode contribuir para uma sensibilidade espiritual.

Muitos de nós tivemos experiências com o poder de converter de O Livro de Mórmon. Pensai por um momento em seu poder de convencer. Percebi que, da mesma forma que o Livro de Mórmon se comunica poderosamente com meu espírito, também se comunica eloqüentemente com minha mente. Possui uma capacidade imensurável de convencer pessoas ponderadas de que deve ser aceito seriamente. Aqui estão alguns exemplos que ilustram o que estou dizendo.

Enquanto estava na Alemanha, freqüentei uma série de conferências ministradas por um eminente professor da Universidade de Regensburg, uma

das quais era sobre os quiasmas em Mateus e Marcos. Quiasma é uma forma de arte literária antiga, usada freqüentemente na Bíblia. Uma passagem em forma de quiasma é aquela arranjada de forma que o primeiro elemento da passagem confronta-se com o último, o segundo confronta-se com o mais próximo do último, e assim por diante até o centro. Em suas palestras, o professor fez poderosas declarações sobre como a presença de quiasmas, especialmente em Mateus, era evidência mais do pensamento oriental do que do ocidental. Logo após estas palestras, consegui uma entrevista com o professor em seu escritório. Meu propósito era mostrar-lhe quatro intricadas passagens em forma de quiasma que eu encontrara no Livro de Mórmon. (Mosiah 3:18-19, 5:10-12; Alma 36 e o primeiro livro de Néfi.) A reunião foi breve, já que esta evidência do pensamento oriental antigo no Livro de Mórmon necessitava de pouca explicação, e o professor, visivelmente frustrado pela inevitabilidade da conclusão para a qual ele mesmo havia estabelecido as premissas, ficou convencido e pouco teve a dizer.

O segundo erudito era um dos teólogos católicos mais amplamente publicados nos anos sessenta, que também escreveu sobre os quiasmas no livro de Mateus; era um sacerdote jesuíta, vivendo em um mosteiro na Áustria. Contei-lhe por correspondência sobre meu estudo do Livro de Mórmon, e fiquei feliz quando ele me convidou para visitá-lo. Pude falar-lhe bastante sobre a história anterior ao Livro de Mórmon. Ele havia ouvido e lido anteriormente sobre sua história, mas não pensara muito sobre o assunto. A maior parte de seu trabalho profissional tinha sido com o livro de Mateus, demonstrando ser esse um documento muito sofisticado e altamente literário, preparado conscientemente com uma estrutura complexa e não apenas uma simples narrativa. Uma das evidências usadas por ele para provar seu ponto de vista foi a presença de estruturas paralelas de quatro e de oito partes no livro de Mateus, sendo que uma das mais notáveis é encontrada em Mateus 5:3-10, as Bem-Aventuranças. Acontece que também o Livro de Mórmon usa estruturas paralelas de quatro e oito partes; e quando lhe mostrei algumas no discurso do rei Benjamim no livro de Mosiah e outra ocorrência notável em Alma 34:18-25, seu antigo desprezo pelo Livro de Mórmon desvaneceu-se rapidamente. Ao término de nossa conversa, este homem instruído, que, acredito, aprendeu muito durante os seus sessenta anos de estudos diligentes, balançava seriamente a cabeça em sinal de aprovação. Recordo-me particularmente da maneira como seus olhos refletiam o entusiasmo que sinto pelo Livro de Mórmon; ele concluiu nossa conversa assim: "Você encontrou aqui muita vida e uma existência de trabalho."

Um outro encontro recompensador surgiu com um estudante de pesquisa pós-doutoral que estava estudando história cristã antiga no Instituto Pontifício Bíblico de Roma. Deram a este brilhante estudioso toda honra e privilégio possíveis de estudo dentro das vastas bibliotecas do Vaticano. Um amigo comum apresentou-nos numa reunião especialmente criada para examinar o Livro de Mórmon, principalmente alguns de seus rituais e textos históricos. Por exemplo, debatemos a descrição das atitudes de Léhi no contexto dos assuntos contemporâneos internacionais. Os governadores de Israel haviam feito uma aliança com o Egito contra o seu tradicional inimigo, a Babilônia; Jeremias, porém, criticou veementemente esta decisão, e nesse particular parece ser evidente que as simpatias políticas de Léhi eram tão



Ilustrado por Robert Noyce

impopulares quanto as de Jeremias. Um dos aliados da Babilônia era Sidon, na Fenícia; mas a cidade gêmea de Sidon. Tiro, tinha-se aliado com o Egito. O povo do Livro de Mórmon freqüentemente usava o nome de Sidon. Existe uma cidade com o nome Sidon, um rio com esse nome e até um homem chamado Gidgidonah, o qual, de acordo com o Dr. Hugh Nibley da Universidade de Brigham Young, é o nome egípcio para a palavra Sidon. Todavia, o nome Tiro nunca aparece no Livro de Mórmon, ao passo que no Velho Testamento os dois nomes estão constantemente interligados; dificilmente um aparece sem o outro. Esta aparente preferência por Sidon e não Tiro no Livro de Mórmon encaixa-se perfeitamente na situação mundial conhecida por Léhi e pode apoiar a dedução do Irmão Nibley de que Léhi foi um comerciante com amizades em cidades estrangeiras, tendo sua segurança e prosperidade garantidas pelo *Chuwa,* ou "contrato de amizade" que protegia um estrangeiro numa outra cidade-estado. Naturalmente, mesmo conhecendo o egípcio, ele (assim como Jeremias) lamentava a aliança de Israel com o Egito, pois via sua nação desviar-se da segurança. (Ver *Introdução ao Livro de Mórmon,* Curso do Sacerdócio de Melquisedeque, 1957, p. 52.)

Este era somente um dos muitos aspectos que eu gostaria de debater com este eminente estudioso; e a princípio temia que pudesse ser uma reunião um tanto difícil. Ele lera vários capítulos do Livro de Mórmon e compreendera-os perfeitamente bem, considerando-se que era a primeira vez que os lia. Todavia, ele concluiu que o livro não tinha essência. Examinamos novamente o que ele havia lido. E mais uma vez, primeiramente por um ângulo e depois por outro. Muitas horas e palavras depois, ele estava pronto a admitir de boa vontade que o livro era tudo menos inexpressivo. Disse ele: "É

preciso lidar com o seu livro''.

No meu último ano na Universidade de Brigham Young, candidatei-me à bolsa de estudos Woodrow Wilson, assim chamada em homenagem a um ex-presidente dos Estados Unidos, a qual é uma competição nacional. Uma parte importante desta competição é uma tradicional entrevista particular de meia hora, na qual três juízes podem fazer ao candidato as perguntas que desejarem. Minha entrevista foi regularmente bem até a metade, quando um dos examinadores mudou subitamente de assunto. Minha pasta continha uma cópia de artigo meu para uma publicação da BYU sobre o Livro de Mórmon, e esta foi a origem de sua pergunta. Desafiadoramente, ele perguntou: ''O Livro de Mórmon não é um simples plágio da Bíblia?''

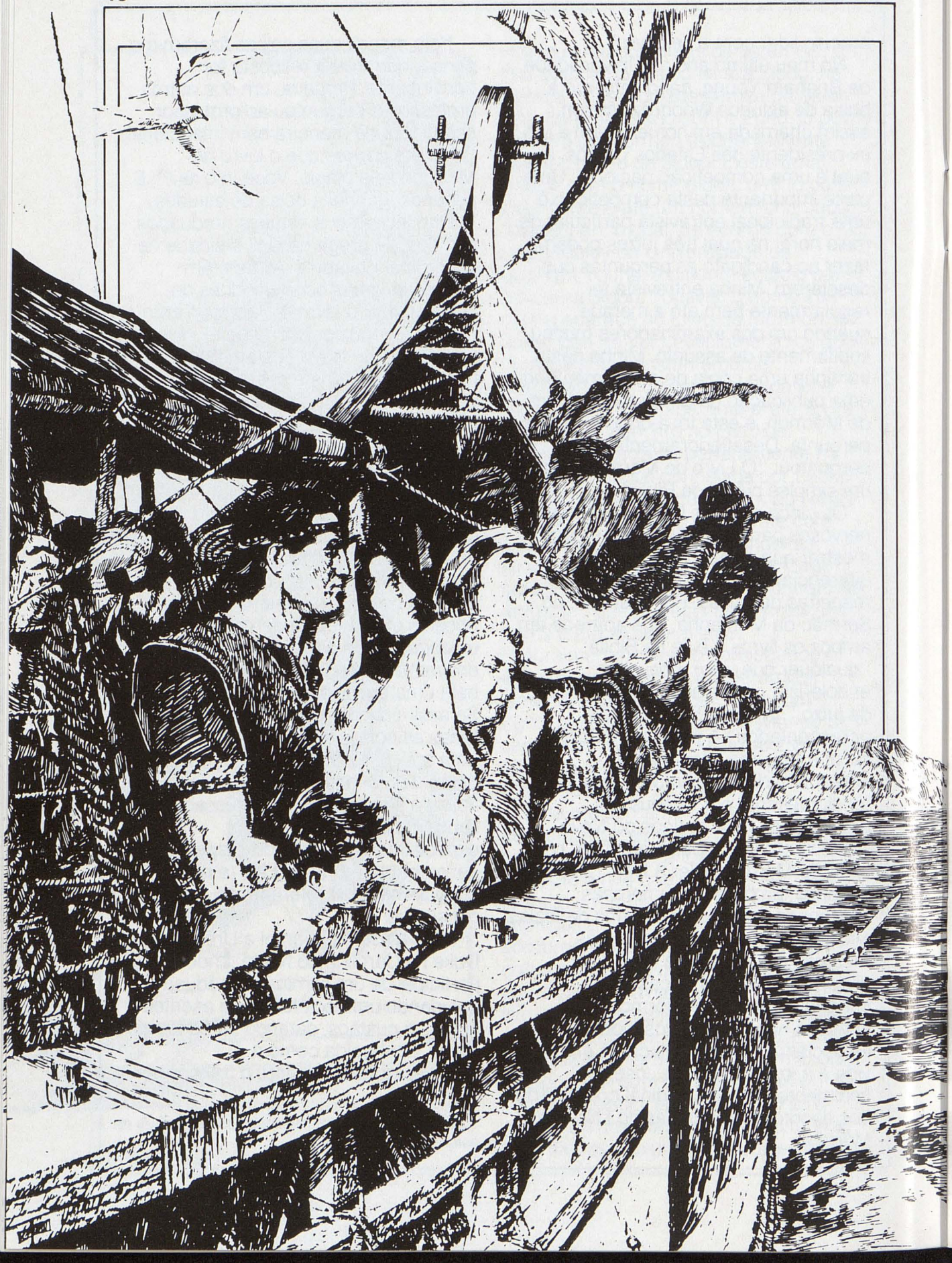
Os cinco minutos seguintes foram nervosos para mim. Esforcei-me em mostrar que o Livro de Mórmon diferenciava da Bíblia de várias maneiras decisivas. Por exemplo, no Sermão da Montanha, que aparece em ambos os livros. Lê-se na Bíblia: ''qualquer que, *sem motivo*, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo.'' (Mateus 5:22; itálicos acrescentados.) A frase em itálicos parece ser uma interpolação acrescentada ao texto bem depois de ter sido escrito por Mateus. Os manuscritos mais antigos do Novo Testamento não a possuem; nem o Livro de Mórmon. (Ver 3 Néfi 12:22.) Salientei também as numerosas diferenças entre as passagens de Isaías citadas no Livro de Mórmon e as mesmas passagens na Bíblia, as importantes semelhanças entre imagens do Livro de Mórmon e as imagens não bíblicas dos judeus (especialmente com relação à árvore da vida e a importância de José), e finalmente a poesia original como parte dos escritos dos profetas do Livro de Mórmon.

Pelo menos duas coisas fizeram-me pensar que minha resposta foi convincente. Primeira, um dos outros professores perguntou ao professor desafiador de maneira bem intencional: ''Não me parece que o Livro de Mórmon seja plágio. Você já o leu?'' E segunda, ganhei a bolsa de estudos.

Continuei meus estudos graduados em filosofia grega na Universidade de Oxford na Inglaterra. Ali também encontrei várias oportunidades de compartilhar o Livro de Mórmon com muitos entendidos. Certa noite, diversos estudiosos do Novo Testamento iniciaram um debate sobre como os conceitos intelectuais da antiga Grécia influenciaram o pensamento cristão da antigüidade. O debate induziu a um comentário sobre a função dos opostos no desenvolvimento da antiga filosofia grega. Por exemplo, um filósofo chamado Heráclito, que viveu no século VI A.C., estava profundamente preocupado com o problema dos opostos no universo. Além destes opostos ele desejava demonstrar unidade. Neste aspecto mencionei o ensinamento de Léhi ''é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Se assim não fosse... é preciso que todas as coisas sejam compostas em uma só''. (2 Néfi 2:11.) A reação dos presentes foi positiva. Muitos deles ficaram sinceramente interessados em saber mais sobre este texto, especialmente no que diz respeito ao pensamento moral de Léhi (e não apenas material) referente às oposições.

Mais tarde, freqüentei a Universidade Duke na Carolina do Norte, onde participei de um seminário graduado, estudando uma coletânea de escritos judeus e cristãos, datando da época de Jesus, conhecida como a Pseudepígrafe*. Durante o transcorrer

** (N.T.) Pseudepígrafe: título falso ou nome falso de autor.*



A pouco conhecida "Narrativa de Zósimo" conta sobre uma família digna, como a de Léhi, que Deus tirou de Jerusalém.

do seminário, mencionei o Livro de Mórmon de tempos em tempos, mas meus comentários não foram levados a sério pelos outros integrantes do seminário. Perto do fim do semestre, o eminente professor, que possui uma impressionante reputação neste campo de pesquisa, pediu aos membros daquele seminário que examinassem um escrito particularmente complicado, a pouco conhecida "Narrativa de Zósimo". Conta sobre uma família digna que Deus tirou de Jerusalém antes de sua destruição pelos babilônios em 600 A.C. aproximadamente, e sobre como este grupo fugiu para uma terra de bem-aventuranças, onde eles mantinham registros em placas de metal tão macias que podiam ser inscritas com as unhas. Na história, Zósimo teve permissão de visitar estas pessoas em visão. A fim de chegar a esta terra, Zósimo teve que viajar pelo deserto, passar por densas névoas de escuridão, atravessar o oceano, e surgiu de uma árvore que produzia fruto puro e dava água doce como o mel. (Ver os mesmos elementos em 1 Néfi 8:10-12 e 11:25.)

Depois de debater alguns dos aspectos técnicos deste documento oriental, o professor perguntou à classe: "Bem, o que vocês concluem a respeito da Narrativa de Zósimo? É judaica ou cristã?" O grupo tinha pouco a dizer, e os membros da classe estavam por concluir que o escrito não poderia ser classificado, uma vez que a Narrativa era tão diferente de qualquer outra coisa que eles já tinham visto. Nesta altura, eu não podia esperar mais. Contei ao grupo a história de Léhi e sua família e mais sobre o Livro de Mórmon. Quando terminei, o grupo tinha ainda menos a dizer. Então o professor falou: "Senhores, permitam-me contar-lhes algumas coisas a mais sobre este Livro de Mórmon." Ele descreveu, então o uso do quiasma no Livro de Mórmon, Melquisedeque em Alma 13, e outras coisas que nós dois havíamos discutido em particular e perguntou: "Bem, senhores, o que concluímos a respeito do Livro de Mórmon?" Embora alguns dos integrantes do grupo finalmente tivessem concluído que a solução mais conveniente para o problema seria

identificar Joseph Smith como um escriba judeu reencarnado, foi-me gratificante verificar que o estudante mais sarcástico em relação ao Livro de Mórmon, foi justamente o que pediu que eu lhe ensinasse mais sobre o livro.

O que estas experiências significam? Consideradas separadamente podem não parecer expressivas. Não há dúvida de que centenas de experiências individuais semelhantes ocorreram quando as pessoas levaram o Livro de Mórmon a sério. Isoladas não atraíram muita atenção, mas consideradas em conjunto prestam significante testemunho do Livro de Mormon.

Talvez seja fácil para o intelectual não-mórmon desconsiderar o Livro de Mórmon; quanto mais instruída é a pessoa, mais ela tende a rejeitar o livro. Placas de ouro, um anjo, um menino-profeta, tudo isso soa aos estudiosos perspicazes como uma história sobrenatural. Seu estilo aparentemente simples e sua afinidade com outras antigas escrituras judaicas parecem expô-lo à acusação de ser uma fraude fútil e inocente. Todavia, no final, nunca é o livro que é fútil, e sim, seus pesquisadores. Uma das maiores faltas que alguns de nós cometemos como pesquisadores do Livro de Mórmon é uma certa disposição em emitir uma opinião (favorável) sobre o livro, sem o examinar e compreender como deveríamos.

E como é que tudo isso se relaciona com os encontros de alguém com um seminário graduado, um grupo de estudiosos em Oxford, uma junta de examinadores, um estudante pesquisador, um teólogo, um professor e outros semelhantes? Muito simples: em minha opinião o Livro de Mórmon é um assombroso instrumento do Senhor. É surpreendente observá-lo conquistar respeito pelo que é e pelo evangelho de Jesus Cristo. Exatamente como a pedra que foi rejeitada pelos edificadores mas que se tornou a cabeça de esquina (Atos 4:11, Salmos 118:22), o Livro de Mórmon, também uma pedra angular, tem sido rejeitado de vez em quando por muitos edificadores fiéis. Como acontece, porém, tão freqüentemente com as coisas da verdade, a sabedoria dos sábios precisa perecer ante o Senhor. (Isaías 29:14.) E quando isso acontece, maior respeito e convicção substituem a dúvida.

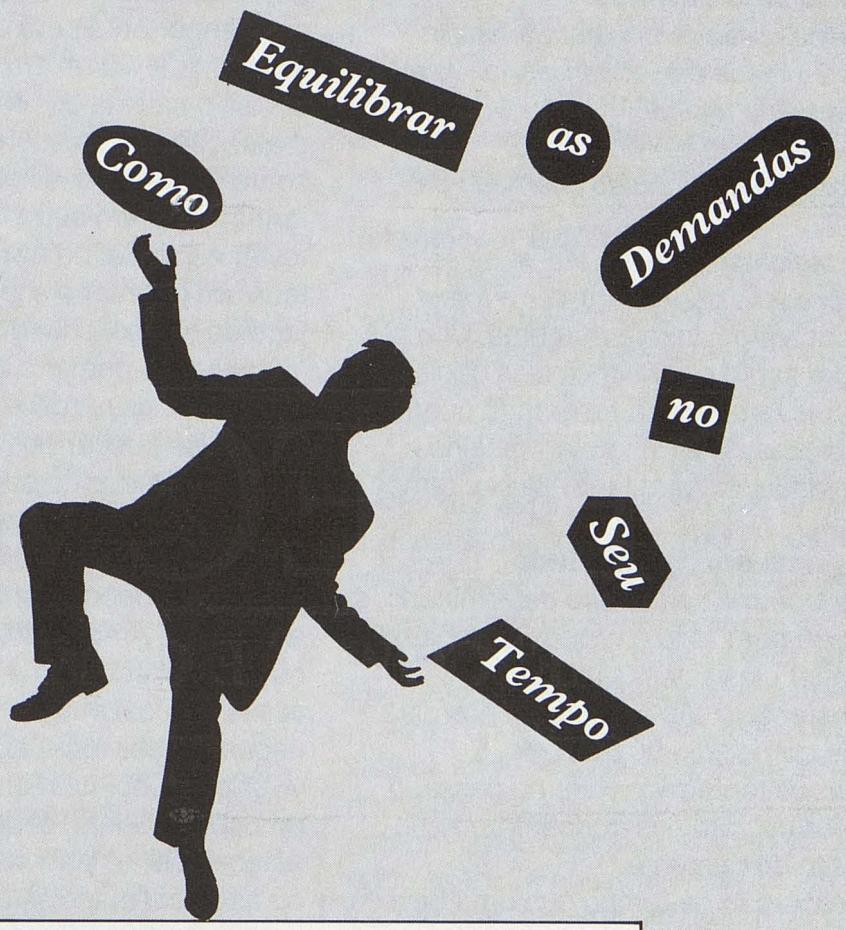
Nunca vi o Livro de Mórmon necessitar de justificativa. O livro tem causado muitas indagações na mente de alguns leitores, que desejam certificar-se de sua veracidade. Mas tenho sido continuamente recompensado, não desapontado, pelas respostas que estas perguntas provocam. Encontrar tais respostas leva à convicção e estar convicto leva ao respeito. Com a chegada do respeito, algumas vezes desobstrui-se o caminho para o testemunho.

Sei que é importante desenvolver e ajudar outras pessoas a desenvolverem respeito pelo Livro de Mórmon. É a palavra de Deus, e o povo que a possui será julgado por ela. É escritura sagrada dada para doutrina, repreensão e instrução em retidão. Seria excelente se todos aceitassem um exemplar do Livro de Mórmon sem suspeitas e depois, através de humilde oração, recebessem o testemunho do Espírito Santo de que ele é verdadeiro. Todavia, sem estas circunstâncias ideais, é bom que o próprio livro seja tão respeitado por tantas pessoas.

Graças ao respeito que dedico a este livro, sinto-me mais próximo do Senhor. Sou grato porque este profundo relacionamento intensifica o amor que tenho pelas palavras deste precioso registro. E, dou graças, à medida que cresce meu respeito por este livro, eu cresço também. ★

Irmão Welch, advogado, ensina na Faculdade de Direito J. Reuben Clark, na Universidade de Brigham Young.

AS MUITAS VOZES



Robert F. Bohn

Às vezes ficamos pensando como podemos realizar tudo o que desejamos na vida, quando tantas vozes solicitam o nosso tempo. As vozes vêm de pessoas que amamos e respeitamos; as atividades encorajadas por elas são louváveis e importantes. Mas eis o problema: Como poderemos fazer tudo?

De um lado ouvimos:
"Nunca diga não a um chamado da Igreja."
"Uma mulher deve estar envolvida em muitas atividades."
"Seja um sucesso em seu trabalho."
"Seja um bom vizinho."
"Envolva-se política e civicamente."

Do outro lado ouvimos:
"Despenda mais tempo com a família."
"A maternidade é a responsabilidade mais importante da mulher."
"Despenda mais tempo no lar."
"Dedique mais tempo ao chamado da Igreja."
"Evite radicalismos e lembre-se de seus compromissos com a família e a Igreja."

Assim sendo, vem a pergunta: Como pode um santo dos últimos dias dedicado encontrar tempo para fazer tudo quando tantas vozes, família, igreja, trabalho e comunidade, exigem tanto de seu tempo?

Existe uma época para tudo

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu" (Eclesiastes 3:1) Esta admoestação é tão apropriada nos dias de hoje como o foi no passado. É desastroso tentarmos viver no passado ou no futuro, não nos concentrando no propósito do presente.

A proporção de tempo que uma pessoa despende nas várias atividades difere significativamente, dependendo da fase da vida em que ela se encontra. Cada fase da nossa vida tem um propósito especial, e a realização chega através do conhecimento do propósito de cada época no tempo certo.

Estabelecer prioridades

A fim de decidir o que é certo para nós numa época e situação específicas, devemos estabelecer prioridades. O que acontece, porém, quando dois princípios "certos" se conflitam: despender tempo com a família versus cumprir os chamados da Igreja?

A chave é perceber que cada situação deve ser considerada com espírito de oração, que o que pode ser correto numa situação, pode não ser apropriado em outra. Ao estabelecer prioridades devemos determinar qual é a alternativa mais importante para os casos específicos. Por exemplo, um momento decisivo na vida de uma criança exigindo a atenção dos pais torna-se prioritário sobre uma responsabilidade específica da Igreja; mas, em outra ocasião, o bem-estar espiritual de um membro da ala torna-se prioritário sobre assistir a um jogo de futebol com o filho. A pergunta: "O que vem primeiro: a família ou a Igreja?" é, na verdade, uma pergunta errada, se buscarmos uma resposta que sirva para todos os casos. A família e a Igreja são fundamentais, ambas são de Deus, e cada uma delas pode ter prioridade, dependendo da situação específica. Ambas são partes integrantes do grande todo, isto é, o evangelho de Jesus Cristo. Uma de nossas maiores necessidades individuais é aprender a viver pelo Espírito. Tornando-nos sensíveis ao Espírito Santo, podemos melhor estabelecer as prioridades de cada época ou as circunstâncias que serão aceitáveis e agradáveis ao Senhor.

Será que nunca terminará?

Com muitas vozes solicitando nosso tempo, às vezes é comum ficar-se deprimido e perguntar-se: "Será que nunca terminará?" Sempre haverá solicitações de nosso tempo, mas a depressão diminuirá quando aceitarmos o fato de que lidar com as solicitações é uma parte natural da vida, quando não tentarmos escapar delas, mas

enfrentarmos a realidade e vivermos felizes um dia de cada vez.

Façamos uma comparação: Quando um ciclista movimenta as pernas, a bicicleta se locomove e o ciclista mantém o equilíbrio. Todavia, se ele não usa as pernas e a bicicleta pára, ele perde o equilíbrio e cai.

O mesmo acontece quando estamos deprimidos ou vacilamos em nosso progresso por causa de um problema. Se permanecermos inertes, esperando que as muitas solicitações terminem, começamos a ter pena de nós mesmos, e nossa capacidade de avaliar as coisas fica distorcida. Em contrapartida, o movimento e a atividade ajudam-nos a conservar o equilíbrio e a manter nossa vida produtiva e na perspectiva correta.

Encontrar a harmonia

Para encontrar a harmonia em nossa vida, precisamos aprender a controlar as várias solicitações de nosso tempo. Considere um regente de coro. Um bom coro tem muitas vozes diferentes: contralto, soprano, baixo, barítono e tenor. Embora cada cantor possa ser um vocalista experimentado, se cada um fosse cantar sua canção favorita tão alto quanto desejasse sem se preocupar com os outros, o resultado seria muito barulho ao invés de música. O coro é bonito quando o regente ajuda cada cantor a entrar na música no tempo certo com o volume e expressão corretos. Controlando os interesses de cada cantor, o regente transforma a confusão num hino harmonioso e melódico.

O mesmo acontece com as variadas "vozes" que compõem o "coro" de nossa vida: família, genealogia, ensino familiar, obra missionária, designações de bem-estar, obra do templo, reuniões, responsabilidades cívicas, vizinhos e profissão. Ao invés de permitir que estas vozes, todas boas, determinem seu volume e hino favorito, o Senhor espera que cada um de nós seja o regente de sua vida. Foi o Senhor quem disse a Joseph Smith: "Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros." (D&C 58:28.) E se o resultado é um barulho dissonante ou música harmoniosa e equilibrada depende de como regemos as diferentes vozes no tempo, local e intensidade apropriados. É *nossa* responsabilidade controlar o equilíbrio, com a inspiração do Senhor. A responsabilidade final é nossa ao exercitarmos o livre arbítrio.

Estabelecer a coerência

Em resposta à pergunta: "Como poderemos realizar tudo o que desejamos na vida quando tantas vozes solicitam nosso tempo?" precisamos estabelecer as prioridades, aconselhando-nos com o Senhor em oração, para que as muitas demandas sejam colocadas no tempo e época adequados. Então podemos ficar contentes com o que somos capazes de fazer, quando procuramos fazê-lo alegremente ao invés de ficar sempre frustrados pelo que não conseguimos realizar. Podemos buscar o equilíbrio na vida estando "ocupados zelosamente numa boa causa" (D&C 58:27) sobrepujando assim os momentos de depressão. Se nossa vida vai ser um hino harmonioso ou uma desordem barulhenta depende de como conduzimos o andamento e a intensidade das vozes que solicitam nosso tempo. Aplicar estes princípios gerais às nossas circunstâncias ajudar-nos-á a alcançar o que o Profeta Joseph Smith disse: "A felicidade é o objetivo e o propósito de nossa existência." (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith* pág. 249.) ★

Irmão Bohn ensina na Universidade de Golden Gate, em São Francisco, Califórnia.

POR QUE, COMO, E COMO NÃO

DELEGAR

ALGUMAS SUGESTÕES PARA O LAR E A IGREJA

William G. Dyer



Nenhum princípio de liderança, talvez, tenha sido tão mal entendido como o de delegar. É comum ouvir-se comentários como estes sobre um líder sobrecarregado de trabalho: "Ele deveria delegar mais" ou "Por que ela não aprende a delegar?" Supõe-se que tudo que se tem a fazer para delegar é passar a tarefa para outra pessoa e repentinamente ficar livre daquela responsabilidade.

Entretanto, qualquer bom líder sabe que o fato de delegar não lhe dará necessariamente mais tempo livre logo de imediato. Após um longo período, o delegar eficiente *deve* dar ao líder mais tempo para outros assuntos, porém imediatamente implicará um comprometimento de tempo ainda maior por parte do líder.

O que é necessário?

Como você pode transformar o delegar num útil instrumento de ajuda ao invés de um fardo difícil de carregar? Um importante ponto inicial é compreender o que representa a tarefa que você está delegando.

1. *Designações.* Geralmente uma designação é uma tarefa clara, específica e única, dada somente uma vez. São exemplos de designações fazer discursos, apresentar partes das lições e entregar recados. Quando nosso filho de dezesseis anos precisava ser levado para o treino de basquete de manhã bem cedo, eu pedi a um dos meus filhos mais velhos que realizasse esta tarefa para mim. Foi uma designação delegada, uma atividade simples, que me aliviava de uma tarefa por dia.

Como as designações são tarefas realizadas uma vez, elas geralmente pouco contribuem para o desenvolvimento de novas habilidades. Entretanto, podem ser o início do interesse, treinamento ou desenvolvimento em uma nova área.

2. *Projetos.* Um projeto é um conjunto mais amplo e complexo de tarefas, exigindo mais habilidades; todavia, tal como uma designação, geralmente não é uma responsabilidade contínua.

Por exemplo, nosso bispo delegou ao líder do grupo dos sumos sacerdotes o projeto da realização do jantar da ala. Isto incluía providenciar a comida, as mesas, a decoração, o serviço e o entretenimento. Por sua vez, o líder do grupo fez uma série de designações para aquelas responsabilidades específicas.

Quando for conveniente, os pais podem dar aos filhos a responsabilidade de projetos inteiros. Por exemplo, podem-se delegar às crianças projetos como planejar as atividades da noite familiar, fazer compras no mercado, planejar as refeições para uma semana, fazer um inventário do estoque do armazenamento doméstico, ao invés de dar-lhes pequenas designações como "arrume a cama", "devolva isso à vizinha", "guarde o casaco", "ponha a mesa".

Os projetos bem delegados devem fornecer excelentes oportunidades de crescimento para aqueles que recebem a responsabilidade. Somente o líder ou pai insensato teme delegar projetos inteiros e dá apenas designações.

3. *Áreas de trabalho.* Uma área de trabalho é um conjunto complexo de atividades que continuará por um longo tempo, e não apenas um único projeto ou designação.

Uma área de trabalho delegada pode ser na forma de uma função regular, estabelecida dentro de uma posição ou chamado específicos. O presidente da estaca pode delegar a responsabilidade de certas atividades de bem-estar para um determinado membro do sumo conselho; a outro pode-se dar a responsabilidade do programa dos adultos solteiros; a outros são delegados os programas dos Rapazes e Moças, aperfeiçoamento didático, atividades

esportivas etc.

Em outros casos, as áreas de trabalho não são formalmente estabelecidas dentro de chamados ou posições, mas são delegadas de acordo com as necessidades. Certo pai passou para o filho mais velho a responsabilidade de manter em bom estado o carro da família. Pediu-se a uma jovem adolescente que aceitasse a tarefa de acordar a família todas as manhãs para a leitura das escrituras e oração. Algumas famílias dividem a limpeza da casa em áreas de trabalho e delegam aos vários membros da família a responsabilidade de manter limpa uma parte específica do lar.

Certa mãe delegou à filha as compras da família. Isto é, a filha tinha a responsabilidade de administrar uma considerável quantia em dinheiro, comprar toda a alimentação, e coordenar a compra com os planos das refeições da família.

A pessoa que recebe a tarefa nas áreas de trabalho tem uma grande oportunidade de aprender, desenvolver e aliviar o encargo do líder ou pais. A princípio, porém, a instrução e o treinamento podem realmente tomar mais tempo do líder do que se ele mesmo executasse o trabalho.

Por que Delegar?

Os líderes delegam por duas razões importantes; (1) eles não têm o tempo, a habilidade ou outros recursos para fazer o trabalho; ou (2) desejam dar aos outros a oportunidade de crescimento que advém com uma responsabilidade ou atividade específica.

Por outro lado, muitos líderes não delegam porque: (1) nem sempre podem confiar que os outros farão o trabalho da maneira que os líderes desejam; (2) leva mais tempo mostrar às pessoas como fazer o trabalho do que se fizessem eles mesmos; (3) é frustrante delegar algo e depois não ver a tarefa realizar-se de modo correto e no tempo certo; (4) algumas vezes as tarefas delegadas acarretam mais tempo e problemas, porque as pessoas ficam fazendo perguntas e queixando-se da designação.

Eliminar obstáculos

Entretanto, é possível sobrepujar estes obstáculos ao delegar. Estas sugestões podem ser úteis:

1. *Buscar inspiração.* Determine com espírito de oração quem deve receber designações específicas e que tarefas devem ser designadas para determinadas pessoas. Assim, tanto você como a pessoa que recebe a designação ficam mais comprometidos com o combinado.

2. *Dar designações estimulantes.* Às vezes os líderes designam somente as atividades difíceis, enfadonhas e pouco interessantes, deixando a melhor parte para si mesmos. Isto significa que a pessoa que recebe as tarefas, nem sempre vê o trabalho provocar alguma melhora ou crescimento significativos, começando logo a ressentir-se e a opor-se à tarefa. Se uma criança recebesse sempre a designação de lavar os pratos depois de uma noite familiar e nunca tivesse a oportunidade de dar a lição, escolher a atividade ou planejar a sobremesa, ela facilmente ficaria insatisfeita. Um líder sábio da igreja ou família examina periodicamente o que foi delegado, a fim de verificar como as pessoas se sentem a respeito de suas designações.

3. *Esclarecer as expectativas*. Quando alguém delega trabalho a outra pessoa, ainda mantém um certo grau de responsabilidade. Embora uma pessoa possa delegar as compras da família para a filha, ela ainda é a responsável pela dieta, nutrição e refeições da família, mesmo que a filha não faça boas compras. É importante que a mãe esclareça o que ela espera; que ela explique claramente a importância das

compras, a quantia de dinheiro a ser gasta, quando a compra deve ser feita, e a qualidade da mercadoria a ser comprada. Se estas coisas não forem claramente comunicadas, a filha poderá inconscientemente descontrolar os planos da mãe ou da família.

4. *Obter um compromisso.* Depois de explicar a importância da tarefa e indicar os objetivos, o líder deve dar à pessoa a oportunidade de responder, de aceitar a designação, projeto ou área de trabalho, comprometendo-se a realizá-lo. Uma resposta oral pode fazer mais do que simplesmente ajudar a pessoa a sentir-se comprometida com sua nova designação, pode também levantar perguntas ou esclarecimentos, induzindo naturalmente a uma futura conclusão da designação.

5. *Dar instrução quando necessário.* Muitas vezes uma nova área de trabalho é desconhecida para a pessoa que recebe a designação e por isso ela é incapaz de desempenhá-la a contento desde o início. Para ajudá-la a alcançar o grau de desempenho desejado, o líder terá que despender tempo, fornecendo treinamento e instruções adequados. Por exemplo, quando se delega ao portador do sacerdócio a responsabilidade do ensino familiar, o líder deve oferecer instruções claras e adequadas. Isto incluiria um período de explicações, assim como levá-lo numa visita de ensino familiar para *demonstrar-lhe* como se faz um ensino familiar eficiente. Sem esta preparação, o mestre familiar poderá fazer um trabalho improdutivo, decepcionando a todos, e o líder do quorum jamais saberá que ele mesmo é parte do problema.

6. *Avaliação do progresso*. Ao delegar uma tarefa, o líder freqüentemente supõe que pode sentar-se e deixar que o trabalho seja feito. Mas, na verdade, o trabalho não será realizado como deveria a menos que o líder tenha um bom programa de avaliação do progresso. Isto inclui examinar periodicamente o que tem sido feito, avaliar os resultados, fazer algum replanejamento e talvez dar algum treinamento e instrução adicionais. A avaliação do progresso não significa sempre cobrar serviço mas antes ter tempo, de comum acordo, para examinar o progresso.

Por exemplo, se um comitê do quorum dos mestres, sob a direção de um presidente, recebe a delegação da responsabilidade de uma festa do quorum e subseqüentemente da comida, o supervisor do quorum deve dar primeiramente instruções claras e então estabelecer datas para que certos preparativos sejam completados e relatados a ele. Não deve esperar até o dia da festa para chamar desesperadamente todas as pessoas e verificar se os preparativos foram feitos. Muitos programas falham porque não há um método planejado para estimular ou redirecionar as pessoas designadas. Se não houver uma avaliação do progresso, um acompanhamento, a pessoa que recebe a tarefa pode pensar que o líder perdeu o interesse no projeto ou não está mais preocupado com isso. Isto pode causar a perda de motivação por parte da pessoa designada.

7. *Deixar realizar o trabalho.* Embora o líder explique as expectativas, dê instruções ou treinamento e avalie o progresso. É ilusório esperar que a pessoa que recebe a designação a execute exatamente como o líder faria, se ele próprio estivesse realizando a tarefa. O líder deve deixar que a outra pessoa faça o trabalho, dando-lhe o direito de realizá-lo de acordo com suas próprias habilidades, personalidade, estilo e experiência. É terrivelmente frustrante receber uma designação e então ser vigiado, pressionado e dirigido por alguém que acha que deve controlar tudo para certificar-se de que tudo será realizado exatamente como ele deseja. A pessoa

incumbida da tarefa não pode evitar de inserir um pouco de sua individualidade em seu trabalho. Isto deve ser esperado, permitido e até apreciado. Na melhor das hipóteses, se o indivíduo crescer com a designação, ele começará a assumir a responsabilidade e talvez até faça o trabalho melhor do que o líder tinha imaginado.

Por exemplo, talvez uma presidente da Sociedade de Socorro ache que a conselheira designada para dirigir uma reunião ou supervisionar um projeto, o faça de maneira diferente da sua. O estilo da conselheira pode ser igualmente eficiente e até produzir melhores resultados se a presidente permitir alguma liberdade. Todavia, a conselheira nunca crescerá se a presidente exercer demasiado controle, inspecionando a conselheira tão de perto que esta fique temerosa de fazer qualquer coisa.

Delegar não é apenas um modo de desembaraçar-se do trabalho. É uma estratégia de liderança, um plano mais amplo pelo qual o líder fica eventualmente aliviado de certas atividades e a pessoa incumbida das tarefas adquire desenvolvimento e crescimento numa nova área de trabalho. A delegação eficiente é o resultado de um planejamento sério, de uma explicação clara do que se pretende, de um treinamento adequado, de avaliação de progresso e boa vontade em permitir que a pessoa designada faça o trabalho à sua própria maneira. ★

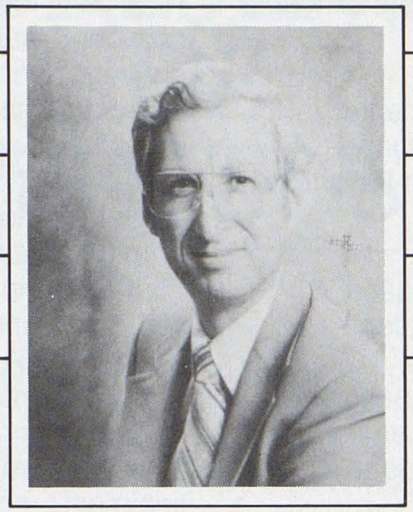
Irmão Dyer, uma autoridade em comportamento organizacional, é reitor da Faculdade de Administração na Universidade Brigham Young.

NOVO MANUAL DA PRIMÁRIA

Raios de Sol

O novo manual, recém-publicado, é uma excelente ajuda aos professores e alunos da Primária.
As crianças poderão se reunir em sua própria classe e aproveitar melhor o "Tempo de Compartilhar".
O manual oferece várias idéias que auxiliarão a criar uma atmosfera de envolvimento, aprendizado e companheirismo. Contém ilustrações, canções apropriadas para as lições e figuras para serem usadas no flanelógrafo.
As crianças participarão de várias atividades apropriadas para manter seu interesse nas lições.

Manual - RAIOS DE SOL - PCPR96CAPO - Cr$ 1.450,00
Pedidos à Divisão de Distribuição
Caixa Postal 26023 - 05599 - São Paulo - SP



Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas como orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

P: Depois de ver o casamento de meus pais (pessoas boas e respeitáveis) malograr, fico-me questionando sobre minhas atitudes em relação ao casamento. Como posso manter-me fiel a este princípio tão importante?

R: Carlfred Broderick, diretor do Programa de Treinamento e Terapia para a Família e o Casamento, da Universidade da Califórnia do Sul, e ex-presidente de estaca.

Muitas pessoas ficam tristes e desiludidas quando vêem casais em quem confiam e que admiram pedirem o divórcio. Perguntam a si mesmas: "Se estes casais não puderam ser bem sucedidos no casamento, que possibilidades terão as pessoas comuns como nós?" Muitas vezes, o marido e a esposa envolvidos também estão desiludidos.

Há vários anos, um casal, ambos membros ativos da Igreja, procurou-me pedi que lessem os versículos 20 e 21 da seção 130.

"Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia."

Disse-lhes que eles haviam sido abençoados por guardarem as leis a que tinham obedecido, mas que o Senhor não podia abençoá-los com um casamento feliz a menos que guardassem as leis que se aplicam a um casamento feliz.

"Por exemplo", disse eu, "vocês dizem que obedecem à lei do dízimo."

Abri o livro Doutrina e Convênios e profissionalmente com sérios problemas conjugais. Ambos disseram: "Como isto pôde acontecer a nós? Somos casados no templo. Temos guardado os mandamentos. Pagamos o dízimo, guardamos a Palavra de Sabedoria, freqüentamos o templo regularmente e servimos fielmente ao Senhor nos chamados na Igreja. Não é justo! Por que não somos abençoados com um casamento feliz?"

"É verdade. Talvez até paguemos um

pouquinho a mais'', replicou o marido;

''Ótimo, e vocês recebem as bênçãos associadas a esta lei?''

Olharam-se mutuamente.

''Sim, temos sido grandemente abençoados em relação a essa lei.''

''Vocês afirmam guardar a Palavra de Sabedoria?''

''Exatamente.''

''E vocês recebem as bênçãos prometidas aos que são obedientes a essa lei?''

''Sim. O Senhor tem-nos abençoado com saúde e força necessárias para fazermos as muitas coisas que precisamos fazer.

''Exatamente da mesma maneira, o Senhor os abençoará com um casamento feliz se vocês obedecerem às leis que governam a felicidade num casamento,'' disse-lhes eu.

Perguntaram-me quais seriam essas leis, e eu fiz referência à seção 121 de Doutrina e Convênios. Ali, o Senhor dá instruções no exercício da liderança justa (ver especialmente os versículos 34-46 e Romanos 12:3-5, onde Paulo esboça as leis que governam a uniformidade em qualquer unidade da Igreja).

Candidamente eles admitiram que apesar da orientação oferecida em Doutrina e Convênios 121, nunca haviam realmente exercido em conjunto as responsabilidades de liderança ''com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido: ''Com benignidade e conhecimento puro... sem hipocrisia e sem dolo.'' (Versículos 41 e 42.) Ao invés disso, entregavam-se a constantes e violentas discussões para saber quem estava certo ou errado, usando toda a sorte de estratégias para ''vencer'' na arena familiar.

Admitiram que, contrariando o conselho de Paulo em Romanos, capítulo 12, as expectativas mútuas eram demasiadamente ''de conformidade com este mundo'' (versículo 2); que cada um tinha de si mesmo e de suas próprias opiniões ''mais alto conceito do que convém'' (versículo 3): que não sabiam apreciar positivamente as diferenças individuais (versículos 4-6); que em seu lar havia falta de misericórdia, bom humor e amor fraternal (versículos 8-10). Admitiram que nem sempre se alegraram com a alegria do companheiro ou choraram juntos quando um deles chorou (versículo 15), que raramente foram unânimes entre si (versículo 16), e que não se esforçaram o máximo possível para viver em paz (versículo 18). E finalmente, confessaram que nunca foram mestres no preceito: ''não vos vingueis a vós mesmos'' mas, ao contrário, dando ''lugar à ira'' (versículo 19), e que não seguiam o conselho: ''não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.'' (Versículo 21.)

Disse-lhes, em resumo, que de certa forma eles estavam na situação daqueles que dão ''o dízimo da hortelã, do endro e do cominho'', e omitem ''o que há de mais importante na lei, a saber, a justiça, a misericórdia e a fé'', devendo, porém, fazer estas coisas, ''sem omitir aquelas''. (Mateus 23:23.)

Respondendo a sua pergunta diretamente, então, você precisa saber que pode estar seguro de um casamento recompensador, duradouro e celestial se obedecer às leis que governam esta parte da vida. Elas se encontram entre as mais sublimes e desafiadoras leis de todo o evangelho; nenhuma recompensa é maior do que a prometida pelo Senhor àqueles que cumprem tais leis.

''Pois estreita é a porta e apertado o caminho que leva à exaltação e à continuação das vidas, e poucos há que o encontram... Mas, se me aceitardes no mundo, então me conhecereis e recebereis a vossa exaltação; para que onde eu estiver, estejais vós também.'' (D&C 132:22-23.) ★

O PRESENTE DE MATEUS

Denise Walsh Norton

Pergunto-me se o pequeno Mateus, de sete anos, realmente compreendeu o significado de seu gesto naquele sábado, quando preferiu gastar seu dinheiro ganho com dificuldade num livro de lições da Sociedade de Socorro para dar à sua mãe.

O dinheiro fora uma recompensa especial por ele ter assumido o papel de "homem da casa", enquanto o pai estava doente no hospital. Esperávamos que ele comprasse as coisas que normalmente atraem a atenção de um garoto de sete anos, mas ao invés disso ele preferiu comprar-me um novo livro.

Sentia-me embaraçada em aceitar o sacrifício dele e, alguns dias mais tarde, expus meus sentimentos a uma amiga. Afinal eu sabia que depois de pagar o dízimo e comprar o livro, pouco dinheiro sobraria para Mateus!

"Eu não precisava aceitar o dinheiro dele, Nancy" expliquei, "mas sabia que ele ficaria contente se eu o aceitasse. Amo-o por isto e devolverei o dinheiro a ele de outra maneira."

Então aconteceu o milagre!

Neste exato momento, meu conceito sobre o dízimo mudou totalmente. Era como se de repente uma luz se acendesse, e, subitamente, eu pudesse enxergar.

Sempre pagara o dízimo fiel e regularmente. Fazendo, porém, um retrospecto, pagara-o com temor e tremor a um Deus que impõe respeito e exige sua décima parte. (Ver D&C 64:23.) De algum modo, em minha confusa opinião, o Deus ao qual eu timidamente oferecia meus dízimos diferenciava tremendamente do Pai clemente e amoroso que todas as manhãs e todas as noites ouvia minhas orações, o Pai que se preocupava comigo e desejava que eu retornasse a seu lar.

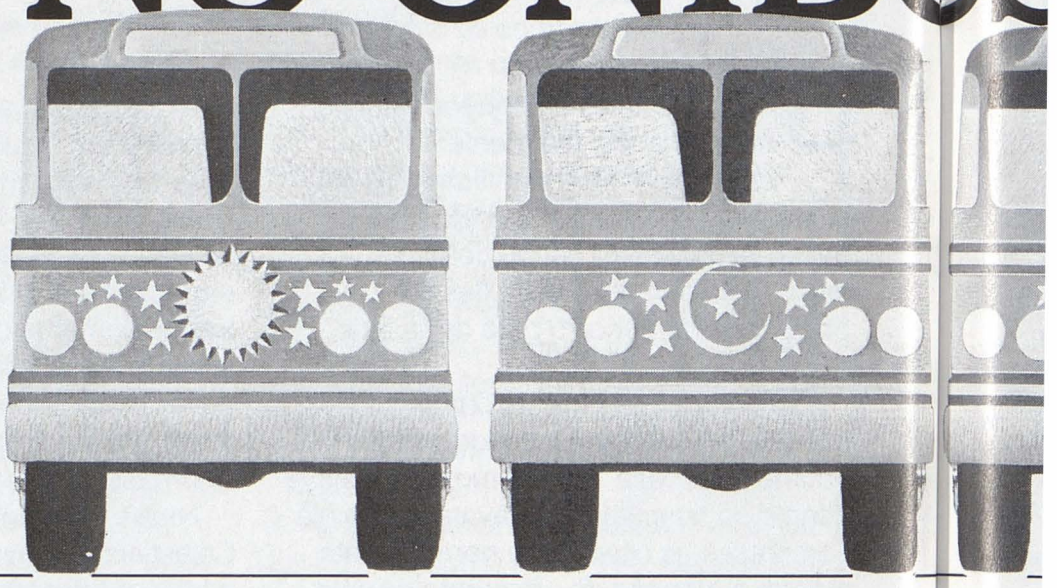
Nesse momento eu soube que o Pai Celestial me amava. E, ainda que fosse minha obrigação e responsabilidade devolver-lhe um décimo de meus ganhos, ele apreciava minhas ofertas e ficava feliz por eu agir assim. Ao ficar ali na cozinha, com as lágrimas escorrendo pela face, as palavras ecoando em minha mente, lembrei-me da promessa do Senhor: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Malaquias 3:10.)

Quão grata sou pelas lições ensinadas por um Pai Celestial amoroso. E quão grata sou pelos gestos atenciosos e altruístas de meu filhinho. ★

Denise Walsh Norton, Leavitt, Alberta, Canadá.

NO ÔNIBUS

Élder
Sterling
W. Sill
Membro
Emérito do
Primeiro
Quorum dos
Setenta



Um dos mais sérios obstáculos para qualquer sucesso é o fato de gastarmos muito tempo nos exercitando naquilo que não queremos ser. Podemos aprender várias lições através da história contada há muitos anos pelo Dr. Harry Emerson Fosdick, intitulada "No Ônibus Errado". Relata sobre um homem que tomou um ônibus com a intenção de ir para Detroit, Michigan. Mas, quando chegou ao término de uma longa viagem, estava na Cidade de Kansas, no estado de Kansas. A princípio ele não queria acreditar. Quando pediu informações para chegar à Avenida Woodward e lhe disseram que não existia nenhuma Avenida Woodward, ficou indignado: ele sabia que existia tal avenida. Somente depois de algum tempo ele pôde encarar o fato de que apesar de suas boas intenções, ele não estava mesmo em Detroit e sim na Cidade de Kansas. Tudo estaria em ordem se não fosse por um pequeno detalhe; ele havia tomado o ônibus errado.

Não é interessante que tantos seres humanos cheguem a certos lugares na vida onde nunca pretenderam ir? Selecionamos metas de sucesso, honra e felicidade, e então, algumas vezes, tomamos os ônibus que nos levam em direção à desonra, ao insucesso e dissabores. Um propósito primário de nossa existência mortal é preparar-nos para a vida que vem depois desta. E nosso possível destino foi dividido em três grandes subdivisões, que Paulo compara com a luz do sol, da lua e das estrelas.

Ilustrado por Scott Greer

BUS ERRADO



Ilustrado por Scott Greer

Paulo diz: "Uma estrela difere em glória doutra estrela. Assim também a ressurreição dos mortos."
(I Coríntios 15:41-42.)

Sem dúvida, a mais desejável destas glórias é aquela comparada à glória do sol, que fica no fim do caminho estreito e apertado que conduz à vida. Mas, infelizmente, conforme salientou Jesus, poucos dos que empreendem tal viagem chegarão ao maior de todos os destinos. Todos deveriam desejar chegar ao reino celestial. Este é o céu dos céus. É onde Deus e Cristo estão. Esta é a família celestial. Entretanto, muitas pessoas embora falem no mais alto céu, estão tomando o ônibus que as levará ao inferno.

O menos desejável destes três reinos é o telestial, tão inferior ao celestial como o brilho de uma pequenina estrela é inferior ao esplendor do sol do meio-dia. Sabemos, pelas escrituras, que aqueles que chegarão ao reino telestial serão tão numerosos como as areias das praias ou como as estrelas no firmamento. E até mesmo estes, antes de alcançarem seu destino, precisam ser purificados dos pecados pelos castigos do inferno. Esta grande multidão de pessoas chegará àquele lugar, aonde não desejava ir de jeito nenhum. Até Satanás tomou o ônibus errado. Sabemos agora qual será o seu fim, pois seu destino já foi decretado por Deus, o juiz supremo. Satanás, porém, nunca planejou esta degradação. Outrora foi conhecido como Lúcifer, o portador da luz, o brilhante filho da manhã, que

permanecia perto de Deus. Tinha as maiores ambições. Disse ele: "Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono... serei semelhante ao Altíssimo." (Isaías 14:13-14.) Mas, apesar deste maravilhoso objetivo, ele tomou o ônibus da rebelião que o levou ao abismo sem fim.

Muitas pessoas acabaram chegando onde não desejavam chegar em alguma área de sua vida. Por exemplo, ninguém busca uma boa educação e investe muito dinheiro nos negócios com a esperança ou expectativa de ir à bancarrota. Uma pessoa não escolhe alguém para seu cônjuge com a idéia de tudo terminar num processo de divórcio sórdido e infeliz. Até o vasto número de pessoas que se tornaram assassinas, suicidas, viciadas, e alcoólatras não começaram deliberadamente com tal intento em mente. Aqueles que cometem crimes e imoralidades ou encontram-se em reformatórios, prisões, ou instituições para doentes mentais certamente não estavam pensando nestes locais quando traçaram seus cursos originais.

É provável que a aptidão mais vantajosa que alguém possa desenvolver seja a capacidade de identificar o ônibus que o levará ao lugar aonde ele deseja ir.

Certa vez conversei com uma jovem que era muito hostil em relação aos pais. Não se considerava amada nem desejada. Tentava compensar a falta de amor com amizades impróprias de pessoas pecadoras, e achava que se freqüentasse a igreja ou tivesse atitudes adequadas estaria cedendo à vontade dos pais. Sua vida estava repleta de amargura. Estava adquirindo hábitos e atitudes que a colocariam no ônibus errado, onde se associaria com pessoas pouco recomendáveis, tornando-se uma delas. A não ser que tenha ocorrido um milagre, ela se achará na Cidade de Kansas, quando sempre desejou ir para Detroit.

Entendo que ninguém jamais iniciou uma jornada com a meta deliberada de ter um colapso nervoso, dissolver seu casamento ou receber ordem de prisão. Algumas vezes, porém, as cadeias do hábito estão muito leves para serem sentidas até que se tornam muito fortes para serem rompidas. Às vezes a tragédia nos esmaga porque permitimos que as sementes da morte se implantassem em nosso caráter. Vivemos uma vida desregrada quando jovens e depois oramos para não ter que pagar as conseqüências mais tarde, o que normalmente não se dá, pois aquelas sementes da morte são muito resistentes e difíceis de parar de se desenvolver, quando já criaram raízes.

Podemos ter os mais nobres objetivos no coração, mas quando tomamos aquele ônibus que nos leva ao destino errado, não podemos mudar a situação simplesmente alegando que tínhamos as melhores intenções, pois os fatos é que serão importantes. Seremos julgados por nossos atos, não por nossas intenções e parecerá bastante inexpressivo ouvir o velho chavão que diz: "O caminho do inferno está pavimentado de boas intenções."

Muito freqüentemente não deixamos que a mão esquerda da intenção saiba o que a mão direita da atividade está realmente fazendo. Concebemos um grande ideal em nossa mente e depois nos desviamos tanto dele que a exceção tende a se tornar a regra. Queremos ser uma grande pessoa algum dia, mas não hoje. Seguidamente dizemos: "Não me julgue por minha aparência, maneira de vestir ou pelo que eu digo. Julgue-me pelo meu íntimo." Esta é uma conduta perigosa e freqüentemente é a causa de nossa desgraça. E por que alguém deve

gastar tanto tempo tentando parecer, agir e pensar como a pessoa que ele não deseja ser?

Devemos destruir todas as evidências do uniforme da rebelião. Se desfilarmos na parada vestidos de palhaços, provavelmente não pensaremos nem agiremos como um rei. Não devemos fazer algumas coisas boas e depois uma porção de exceções. Não devemos gastar o tempo naquela estrada espaçosa que conduz à morte, quando planejamos chegar à vida eterna, que se localiza no fim do caminho estreito e apertado.

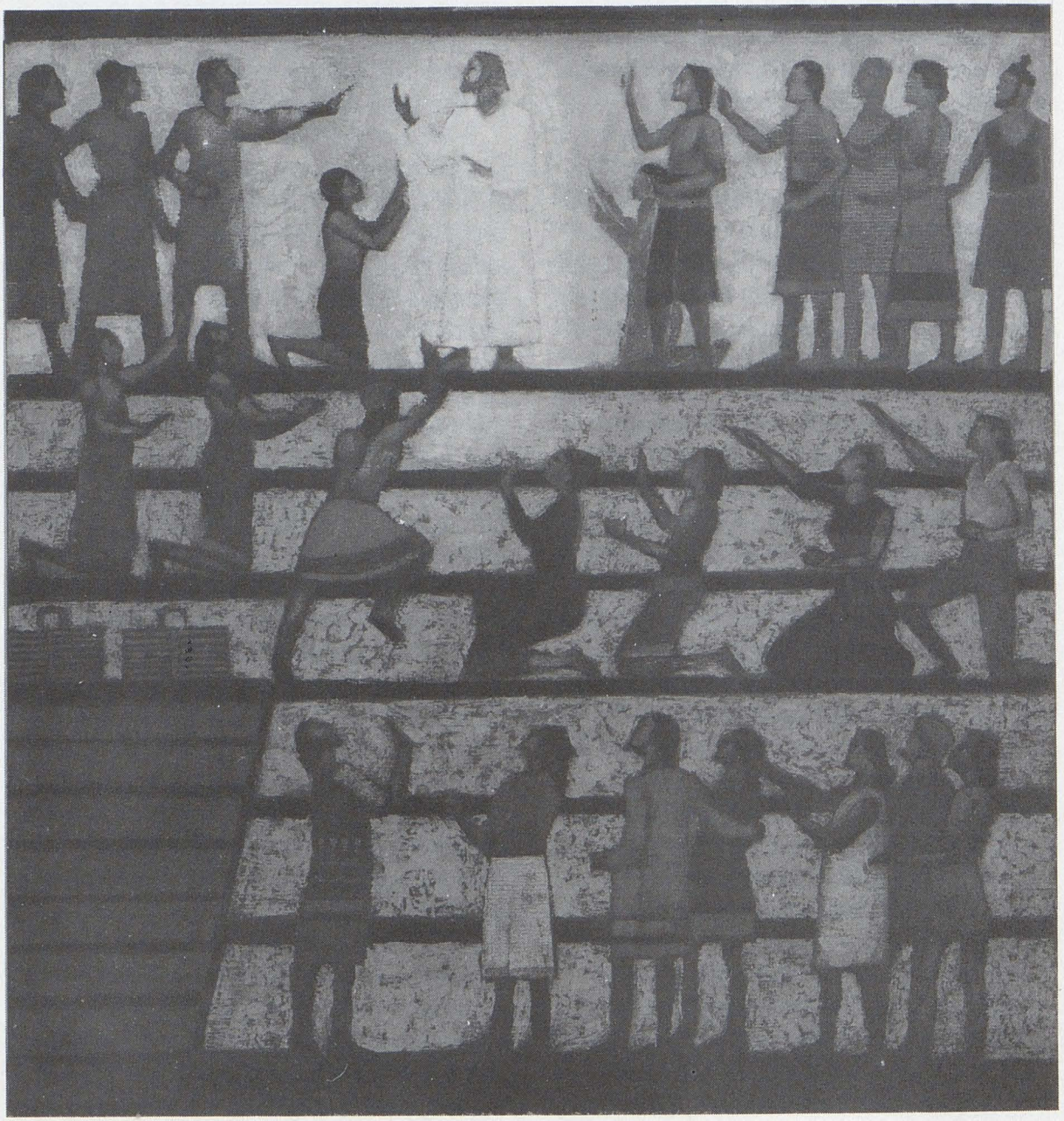
É útil lembrar que todo criminoso, todo fraco e todo pecador tem dentro de si alguns grandes ideais e ambições, através dos quais ele julga a si mesmo. Certa vez, participei de uma reunião na prisão estadual, onde muitos de seus ocupantes fizeram declarações numa reunião religiosa. Disseram sem exceção: "Algumas das melhores pessoas do mundo estão nesta prisão." Estou certo de que isto é verdade em muitos aspectos. Algumas pessoas na prisão são mais simpáticas, mais gentis, e mais humildes do que muitos do que estão do lado de fora. Algumas delas são tão generosas que dariam a camisa do próprio corpo para um amigo em dificuldade. Algumas delas proferem orações maravilhosas e possuem belo testemunho da verdade. Mas elas cometeram alguns errinhos como matar alguém, roubar um banco, embriagar-se fora de hora, ou outras iniqüidades. Estavam-se exercitando para ir para o lugar onde não desejavam chegar. Devemo-nos lembrar de que freqüentemente também temos alguns pretextos que nos impedem de ver-nos como realmente somos.

Muitas pessoas pensam que estão meramente aproveitando a vida quando abusam um pouco da imoralidade e muita gente já fez coisas piores do que cometer um pequeno vandalismo ou pôr fogo na escola. Pequenos descuidos e algumas desonestidades não são assim tão maus se não fizer diferença se chegarmos a Detroit ou à Cidade de Kansas.

É uma ótima idéia definir bem em nossa mente aonde desejamos ir e então acertar o passo em direção a esse objetivo. Devemo-nos lembrar de que as exceções são muito perigosas. As exceções podem destruir um bom hábito muito mais depressa do que as boas ações podem criar um outro. Uma pessoa pode resistir à tentação por milhares de vezes e depois perder tudo por uma única indulgência. Diz-se que existem milhares de degraus do inferno para o céu, mas existe somente um do céu para o inferno.

Até mesmo os ideais não nos ajudam muito se não estivermos suficientemente subordinados a eles. A antiga idéia de que alguém pode ser salvo de uma vez por todas através de uma declaração de fé ou de uma série de circunstâncias pode ser deveras desastrosa. Isto é, ninguém pode encontrar o adversário, combater a batalha, e dominar todos os inimigos definitivamente em um único encontro. A batalha precisa ser vencida continuamente. Muitas pessoas prestaram testemunho da veracidade do evangelho e depois tomaram o ônibus com destino à desonra e degradação. As sementes da morte não precisam ser muito grandes. A grande árvore do mal também pode crescer de uma pequenina semente de pecado. E, se não quisermos que a árvore se desenvolva, é melhor não deixar que ela brote.

E assim voltamos a essa grande idéia que é uma das mais importantes do mundo: primeiro, que saibamos para onde desejamos ir; e segundo, que tomemos o ônibus que nos levará até lá. ★



Pintura de Gary Smith

QUATRO VERSÕES PERUANAS DA LENDA DO DEUS BRANCO

Kirk Magleby

Pintura de Garv Smith

É de conhecimento geral que quase todas as tribos indígenas do Hemisfério Ocidental preservam tradições orais sobre a antiga aparição de um deus branco que desceu dos céus para instruir e organizar seu povo. Algumas das versões mais interessantes acerca desta tradição tão divulgada vêm do Peru, onde esta divindade lendária é conhecida como Kon Ticci Viracocha, Tunupa, Pachacamac, Tarapaca, ou Arnauan, dependendo da região do país. Quatro dos mais notáveis e aclamados historiadores peruanos, Pedro Cieza de Leon, Sarmiento de Gamboa, Betanzos e Santacruz Pachacuti, escreveram relatos interessantes sobre este deus branco e barbado. Quando estudados juntos, eles nos dão uma descrição razoavelmente pormenorizada da aparência física, personalidade, e atividades daquele tradicional deus entre os ancestrais dos índios andinos.

Pedro Cieza de Leon chegou ao Peru em 1548 como um simples soldado de um destacamento militar enviado para dominar uma revolta que se transformou numa guerra civil entre os governadores espanhóis do país. Ficou ali até 1550, tendo visitado quase todas as partes da terra recém-conquistada, observando e registrando as descrições da região, as plantas, os costumes dos nativos, e as maiores facetas de sua história. Manteve

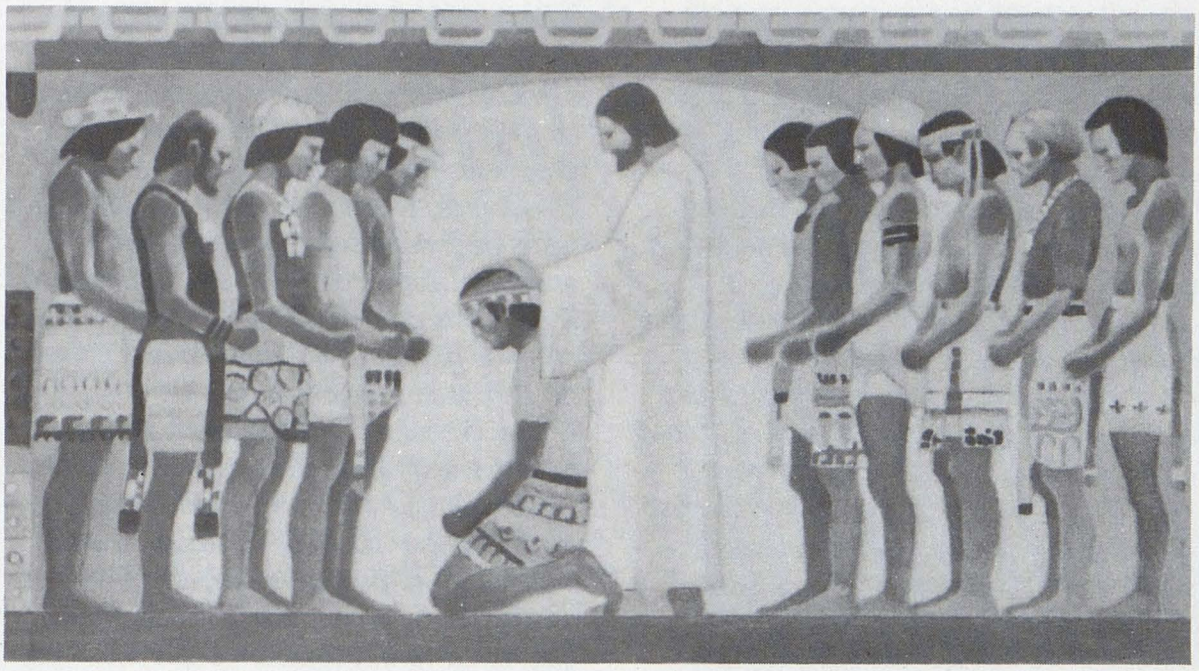
um diário de suas observações desde o início de suas viagens na Colômbia em 1541, mas agora Cieza ficara fascinado com a idéia de escrever uma história do Peru e seu povo. Depois de completar suas obrigações militares, entrevistaria os *amautas* e os *orejones*, os nobres e sábios sobreviventes dos Incas, assim como os espanhóis qualificados, para saber tudo sobre a história e tradições do conquistado império Inca.

Ele escreveu no prefácio de seu primeiro livro: "As coisas que escrevo aqui são verdadeiras, além de serem importantes e de grande benefício, pois muitas vezes, enquanto os outros soldados dormiam, eu escrevia até altas horas da noite, caindo finalmente exausto." A primeira obra de Cieza, *La Crónica del Perú*, foi originalmente publicada em Sevilha em 1553, enquanto que a última, *El Señorío de los Incas,* permaneceu impublicada até 1880. No capítulo cinco de seu *Señorío*, Cieza registrou a seguinte lenda sobre a aparição de um deus branco aos antepassados dos Incas:

"*Antes de os Incas governarem ou antes mesmo que se ouvisse falar deles nestes reinos, estes índios falam de algo muito maior que todas as outras coisas que eles contam, pois afirmam que passaram por um longo período de tempo sem ver o sol, e, como sofriam tremendamente com sua ausência, elevaram súplicas e orações aos que reverenciavam como deuses, pedindo-lhes que restaurassem a luz que haviam perdido; e desta maneira, surgiu ali na ilha de Titicaca, que se encontra no grande lago de Collao, o sol brilhando intensamente, tornando-os muito felizes. E, mais tarde, eles afirmam que da terra do sol do meio-dia, lhes apareceu um grande homem branco, cujo aspecto e aparência demonstravam grande autoridade e profundo respeito, e este homem tinha um poder tão supremo que aplainava as montanhas e transformava as planícies em altas colinas, fazendo fluir água dos seixos; e uma vez que reconheceram seu poder superior, chamaram-no o criador de todas as coisas, o pai do sol, porque dizem que ele fez muitas grandes coisas, pois deu vida aos homens e animais, e de sua mão receberam notáveis benefícios. De acordo com o que os índios me contaram e de acordo com o que ouviram de seus pais e nas canções antigas, este homem dirigiu-se para o norte, realizando vários milagres em sua jornada através das montanhas, e nunca mais eles o viram novamente. Em muitos lugares eles afirmam que ele deu mandamentos aos homens sobre como viver, e que falava com amor e muita humildade, admoestando-os a serem bons e não causarem mal uns aos outros; pelo contrário, deviam amar-se mutuamente e ter caridade. Geralmente o chamam Ticiviracocha, embora na província de Collao, o chamem de Tuapaca, e em outros locais seja conhecido como Arnauan. Diversos templos foram construídos para ele em diferentes lugares, onde erigiram estátuas de pedra à sua semelhança, ante as quais ofereciam sacrifícios. Dizem que as enormes figuras de pedra da cidade de Tiahuanacu foram construídas nesta época, e embora por tradição herdada do passado, os índios recontam o que digo sobre Ticiviracocha, eles não afirmam nada mais sobre ele, nem que tenha retornado a qualquer parte deste reino.*"

Pedro Sarmiento de Gamboa foi um famoso navegador e capitão do exército espanhol. Enquanto aquartelado em Cuzco, Peru, foi-lhe ordenado pelo vice-rei, Francisco de Toledo, que compilasse uma história dos Incas. Sarmiento convocou alguns dos mais velhos sábios ainda vivos na antiga capital Inca e

Pintura de Gary Smith



Pintura de Gary Smith

entrevistou-os individualmente, comparando seus testemunhos a fim de chegar às suas conclusões e fazer a compilação. O manuscrito preparado por ele recebeu o nome de *Historia de Los Incas, La Segunda Parte de La Historia Llamada Indica,* sendo o segundo originalmente planejado para ser em três livros separados. O manuscrito permaneceu impublicado e em poder dos reis espanhóis por muitos anos, sendo finalmente vendido à biblioteca da Universidade de Göttingen (Alemanha), onde foi descoberto e publicado em 1906. A versão de Sarmiento sobre a lenda do deus branco é a seguinte:

''Todos os índios concordam que foram criados por este Viracocha, um homem de estatura mediana, branco e vestido com uma túnica alva ao redor do corpo, carregando uma vara e um livro nas mãos. Depois disso, contam uma história estranha; isto é, que após este Viracocha ter criado todas as pessoas, dirigiu-se a um local onde um grande grupo se havia reunido. Viracocha continuou sua jornada, realizando obras piedosas, instruindo as pessoas que havia criado e desejando deixar a terra do Peru, fez um discurso, advertindo-os sobre as coisas que aconteceriam no futuro. Advertiu-os de que outros viriam dizendo ser o Viracocha, seu Criador, e que eles não deveriam acreditar nos impostores, mas que no futuro ele enviaria seus mensageiros para os auxiliar e ensinar. E falando isto, ele e seus dois companheiros dirigiram-se para o oceano, andando sobre as águas, sem afundar, como se estivessem andando em terra firme.''

Juan de Betanzos estava entre os primeiros conquistadores espanhóis que invadiram o Peru com Francisco Pizarro (conquistador espanhol e governador do Peru (1470-1541). Imediatamente após entrar no país, Betanzos começou a estudar Quíchua, a língua dos Incas, até tornar-se suficientemente versado para ser nomeado intérprete oficial da corte real. Era tão perito na língua nativa que suas primeiras publicações foram dicionários de espanhol e quíchua. Betanzos casou-se com uma das ex-princesas incas e morou em Cuzco,

compilando pessoalmente datas e observações até 1551, quando surgiu sua maior obra sobre as tradições e história dos índios andinos. *Suma y Narración de Los Incas.* Preocupou-se em preservar a "norma de falar dos nativos" em seus escritos. Esta é a descrição de Betanzos para o deus Viracocha:

"Ao perguntar como era este Viracocha, quando os antigos o viram e de acordo com as tradições que foram transmitidas aos índios, disseram-me que era um homem de alta estatura, usando uma roupa que chegava até os pés, com um manto preso na cintura; seu cabelo era curto e tinha uma coroa na cabeça como a de um sacerdote. Andava com a cabeça descoberta e trazia algo nas mãos que parecia os pequenos livros religiosos que os sacerdotes levam consigo hoje. Perguntei-lhes o nome desta pessoa em cuja honra o monumento de pedra foi erguido e eles disseram-me que ele era chamado Con Tici Viracocha Pachayachachic, o que em sua língua significa 'deus, criador da terra'."

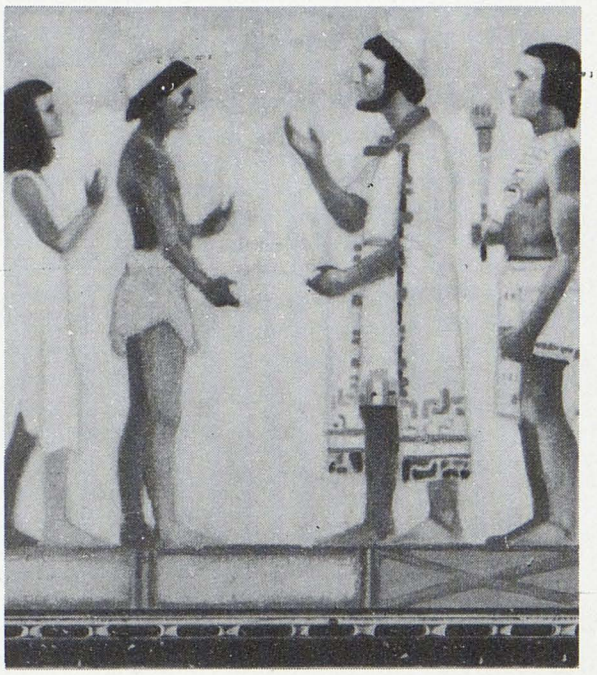
Pouco se conhece sobre o autor da próxima lenda, a não ser que era um índio do setor sul do império Inca, que se orgulhava de haver sido "cristianizado". Seu longo pseudônimo era Don Juan de Santacruz Pachacuti Yamqui e seu manuscrito, uma curiosa mistura de palavras espanholas e quíchuas, permaneceu impublicado até 1880. Todavia, a versão de Santacruz Pachacuti para a tradição do deus branco é mais interessante:

"Alguns anos depois de os demônios serem expulsos desta terra, apareceu nestas províncias e reinos de Tabantinsuyo um homem barbudo, estatura mediana, cabelos longos, usando uma túnica comprida e dizem que era mais velho do que moço. Tinha cabelos brancos, era magro, andava com um cajado e ensinava o povo com grande amor, chamando a todos de filhos e filhas. Todavia, nem sempre era ouvido ou obedecido por todas as pessoas, e quando caminhou pelas províncias realizou vários milagres: curou os doentes, tocando-os com as mãos; não trazia pertences nem possuía rebanhos de animais. Dizem que este homem falava as línguas das províncias melhor que os próprios nativos, e chamavam-no Tonapa ou Tarapaca Viracochanpa Chayachicachan ou Pacchacan e Bicchhayacamayoc Cunacaycamayoc. Ele repreendeu o povo com grande amor perto do apotampo (hospedaria ou alojamento), e eles ouviam-no com enlevada atenção, recebendo a vara de sua mão, de modo que numa vara receberam o que lhes havia sido pregado, indicando e salientando cada capítulo do discurso. De acordo com os índios, este homem chamado Thonapa caminhou por todas as províncias de Collasuyos (nome de uma região do império Inca), pregando incansavelmente. Este Thonapa amaldiçoou uma certa cidade e ela submergiu, sendo hoje chamada de Yamqui Capacocha, o lago, que todos os índios dizem ter sido uma cidade importante antigamente, e agora é um lago. Uma outra coisa que eles contam é que no topo de uma alta montanha chamada Cachapucara havia um ídolo em forma de uma mulher, e dizem que Tunapa odiava este ídolo. Mais tarde, ele faz com que fogo descesse do céu e queimasse a montanha e o ídolo, destruindo e derretendo a montanha como se ela fosse de cera, e até hoje existem vestígios deste terrível milagre, nunca ouvido anteriormente pelo mundo. Afirmam que Tunapa continuou seu caminho através do rio Chacamarca até chegar ao oceano, e neste ponto atravessou o estreito para o outro mar. Isto foi verificado pelos incas muito antigos."

Sintetizando-se os elementos das

quatro versões peruanas sobre a tradição do deus branco numa única descrição, surge um interessante perfil do deus Viracocha. Ele era um deus criador que veio visitar os homens que havia criado, para instruí-los e organizá-los. Com tez branca e uma compleição de mediana para grande, ele vestia uma túnica branca cingida na cintura e que lhe caía até os pés. Já não tão jovem, era esguio e possuía cabelo branco. Quando caminhava, levava uma vara e um livro nas mãos, e algumas vezes foi visto com uma coroa na cabeça. Demonstrava uma autoridade superior, embora falasse com amor e humildade, chamando a todos de seus filhos e filhas.

Aparecendo muito tempo antes do império Inca, a vinda deste Viracocha constituiu-se na mais importante e singular tradição dos índios andinos. Vários dias antes de sua aparição, o sol escureceu e o povo sofreu tremendas privações devido à falta de luz solar. Somente após intensas súplicas e orações foi restaurada a luz, depois do que apareceu Viracocha. Por todos os lugares que passava nas montanhas do Peru realizava milagres. Diminuía as colinas e levantava os lugares planos, transformando-os em montanhas. Obtinha água das pedras, deu vida aos homens e animais, e andou sobre as águas. Curou os doentes com um simples toque de suas mãos e falava todas as diversas línguas da região com igual fluência. Viracocha amaldiçoou uma cidade e ela foi coberta por um lago, tendo seus habitantes perecido afogados. Uma montanha amaldiçoada por ele foi consumida por fogo dos céus. Deu mandamentos aos homens para que amassem o próximo e fossem caridosos e castigou o povo por suas más ações. Deu-lhes uma cópia de seu discurso, escrito numa vara, salientando as partes



principais. Falando a uma enorme congregação, predisse os acontecimentos que estavam por vir, advertindo-os de que alguns homens viriam em seu nome, alegando falsamente serem Viracocha. Então, prometeu-lhes enviar em épocas futuras verdadeiros mensageiros e servos para ensinar e auxiliá-los. Não possuindo bens terrenos, Viracocha partiu para o oceano depois de terminar sua visita e o povo nunca mais ouviu falar dele novamente.

É fácil compreender por que algumas pessoas afirmam haver sólida correlação entre as numerosas versões da lenda do deus branco, encontradas entre os povos indígenas da América, e o relato da visita do Cristo ressurreto à América, conforme registrado no Livro de Mórmon, Muitos dos pormenores destas versões peruanas da lenda parecem corroborar tal afirmação. Na verdade, parece-me que os índios peruanos que recontaram a lenda aos primeiros historiadores espanhóis se lembram muito bem da história. ★



Mola é um artesanato tradicional das índias *cuna* das Ilhas de San Blas, situadas ao largo das costas do Panamá. A *mola* é feita com diversas camadas de pano colorido sobrepostas, sendo o de cima geralmente vermelho. Os motivos são recortados na primeira camada, deixando à vista a segunda, habitualmente preta. Motivos menores são recortados no pano preto, mostrando a terceira camada, muitas vezes amarela. Este processo continua até o máximo de cinco camadas. As bordas do tecido recortado são dobradas para dentro e rematadas com centenas de pontinhos quase invisíveis. Não existem duas *molas* iguais, sendo cada uma delas uma obra de arte. Os motivos costumam reproduzir cenas do dia-a-dia ou outras formas de arte, como fotografias ou até mesmo ilustrações de revistas ou cartazes publicitários. Com a apresentação do evangelho na região, foram incorporados a esse artesanato temas religiosos. A *mola* aqui reproduzida, *A Restauração do Sacerdócio Aarônico* é obra de uma pesquisadora da Igreja e mede 381 mm por 355 mm. Como toda *mola*, foi feita para decorar a frente ou costas de uma blusa.